O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

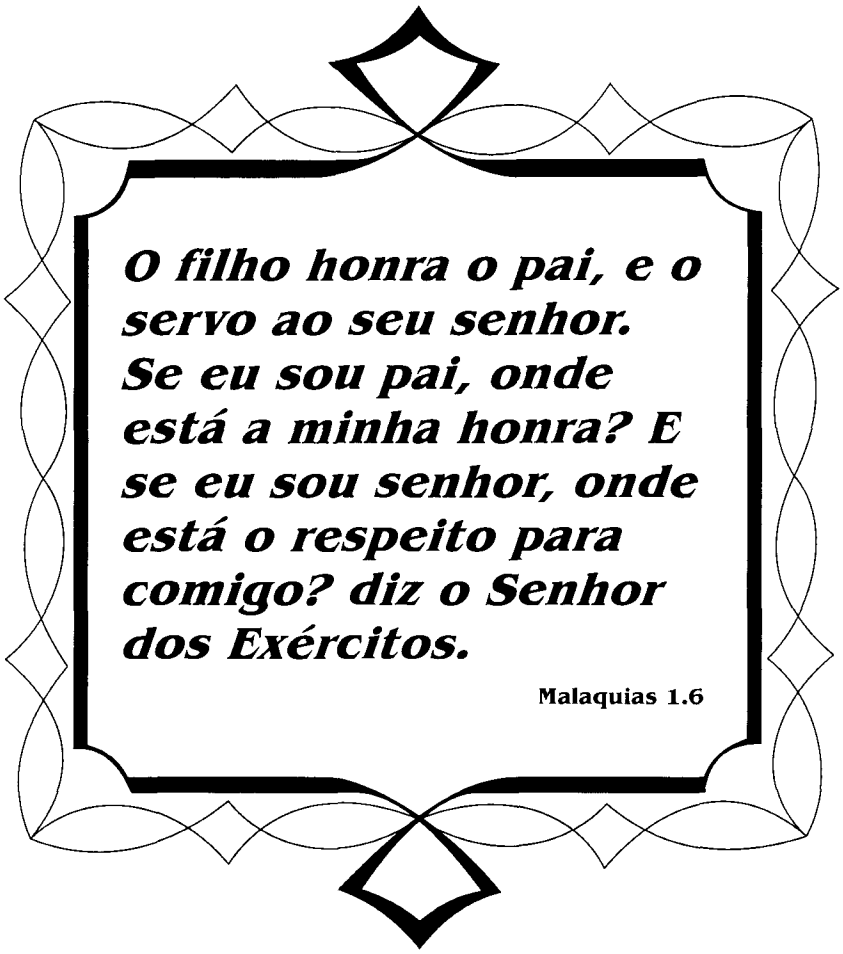
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

MALAQUIAS

HAGNOS

MALAQUIAS

O Livro que Denuncia os Pecados do Povo que Voltou do Cativeiro Babilônico


O filho honra o pai, e o servo ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? diz o Senhor dos Exércitos.
Malaquias 1.6

Malaquias

4 Capítulos
55 Versículos

INTRODUÇÃO

No hebraico, "meu mensageiro". Na Septuaginta, *Malachías*. A Septuaginta dá a idéia de que essa palavra não indica um nome próprio, e, sim, um substantivo comum, "meu mensageiro". E muitos eruditos modernos preferem seguir a Septuaginta, embora sem razão, pois o nome desse profeta foi, realmente, Malaquias, cujo significado é "meu mensageiro".

Esboço:
I. Caracterização Geral
II. Unidade do Livro
III. Autoria
IV. Data
V. Lugar de Origem
VI. Destino e Razão do Livro
VII. Propósito
VIII. Canonicidade
IX. Estado do Texto
X. Teologia do Livro
XI. Esboço do Conteúdo

I. Caracterização Geral

Juntamente com as profecias escritas de Ageu e de Zacarias, o livro de Malaquias reveste-se de grande importância por suprir-nos informações preciosas sobre o período entre o retorno dos exilados judaítas à Terra Santa e o trabalho ali desenvolvido por Esdras e Neemias. Foi um período de reconstrução da nação de Judá, e as fontes informativas seculares a respeito são extremamente escassas, valorizando assim esses três livros proféticos como fontes informativas. Mas, além disso, temos nesses três livros informações de ordem religiosa e moral sobre o período, e não devemos esquecer que os três livros encerram forte conteúdo apocalíptico, o que significa que seus autores não falavam apenas para a sua própria geração, mas também para a última geração, que haverá de testemunhar o retorno do Senhor Jesus, como o Grande Rei.

Apesar de a profecia de Malaquias não ser datada nos versículos iniciais, a exemplo de alguns outros livros dos profetas menores (aos quais ele pertence, posto em décimo segundo lugar tanto no cânon hebreu quanto no cânon cristão do Antigo Testamento), é perfeitamente possível, com base no exame das evidências internas, localizar as atividades de Malaquias dentro do período do domínio persa sobre a Palestina. Isso transparece na menção que o trecho de Malaquias 1.8 faz ao *governador* civil persa (no hebraico, *pehah*), palavra que também se acha em Nee. 5.14 e Ageu 1.1. Como é óbvio, pois, o pano de fundo histórico do livro de Malaquias é o do período pós-exílico, na Judéia. Contudo, o livro retrata condições religiosas e sociais que apontam para um período subseqüente ao de Ageu e Zacarias. O fato de haver menção a sacrifícios oferecidos no templo de Jerusalém (ver Mal. 1.7-10 e 3.8) subentende não meramente que aquela sagrada estrutura havia sido finalmente completada, mas também que já estava de pé há algum tempo, nos dias em que Malaquias escreveu o seu livro. O cerimonial do templo já estava bem estabelecido novamente (ver Mal. 1.10; 3.1,10), o que aponta para uma data posterior a 515 A.C. E Malaquias ter levantado a voz, em protesto contra os sacerdotes e o povo em geral, no século que se seguiu ao de Ageu e Zacarias, parece um fato altamente provável, diante da observação de que certo grau de lassidão e descuido havia penetrado na adoração cerimonial dos ex-exilados. Assim, os sacerdotes não estavam cumprindo as prescrições relacionadas à natureza e à qualidade dos animais oferecidos em sacrifício (ver Mal. 1.8); e, pior ainda, ofereciam pão poluído diante do Senhor, mostrando um grau ainda maior de indiferença para com as estipulações cúlticas da lei levítica. De fato, Malaquias repreendeu-os severamente por esses motivos, porquanto toda essa atitude demonstrava que eles se tinham cansado dos procedimentos rituais vinculados à adoração judaica (ver Mal. 1.13).

Isso nos permite perceber que aquele entusiasmo inicial que deve ter assinalado a inauguração do segundo templo, nos dias de Malaquias já devia ter-se abrandado muito, e, juntamente com o abatimento do zelo, aparecera também o abatimento moral, com o conseqüente afrouxamento da obediência às prescrições levíticas do culto. Essa negligência geral manifesta-se até mesmo no pagamento dos dízimos exigidos pelo Senhor (Mal. 3.8-10), extremamente importantes para a manutenção tanto do templo de Jerusalém quanto do seu sacerdócio, naquele período formativo e crucial que se seguiu ao exílio.

Também se deve salientar que a maneira como Malaquias investiu contra a prática bastante generalizada dos casamentos mistos (entre judeus e estrangeiros, ver Mal. 2.10-16) sugere-nos o conservantismo tradicional da *Tora* mosaica (ver a respeito no *Dicionário*), e não a infração de uma legislação recente e em vigor, acerca da questão. A expressão usada por Malaquias, "adoradora de deus estranho" (Mal. 2.11), significa mulher que seguia alguma religião estrangeira. Isso quer dizer que, em face da generalização do costume desses casamentos mistos, os ideais hebreus (que olhavam com desfavor e suspeita essas uniões mistas) haviam sido abandonados nos dias do profeta. E, visto que Malaquias não lançou mão de nenhuma regulamentação específica sobre a questão, pode-se concluir, com razoável dose de segurança, que os seus oráculos proféticos foram entregues antes de 444 A.C., já que foi nesse ano que Neemias legislou acerca desse problema particular, já em seu segundo termo no ofício de governador. Portanto, o pano de fundo histórico do livro de Malaquias ajusta-se entre os períodos extremos das atividades de Ageu e Zacarias, por uma parte, e as atividades de Esdras e Neemias, por outra. Calcula-se que cerca de setenta e cinco anos se passaram entre esses dois pontos.

II. Unidade do Livro

O livro de Malaquias consiste em seis seções, cada qual correspondente a um oráculo (ver o *Esboço do Conteúdo*, a seguir). Esses segmentos podem ser facilmente distinguidos. Tais divisões naturais do livro refletem um pano de fundo histórico muito bem delineado, abordando, de maneira uniforme, os problemas inter-relacionados. A série de perguntas e respostas, existente dentro do livro, como é óbvio, foi arranjada de maneira tal que é suavemente transmitida a mensagem do profeta acerca do julgamento divino e das bênçãos prometidas pelo Senhor, quanto ao futuro. Por isso mesmo, o livro exibe todas as marcas de ter sido escrito por um único autor.

A única questão séria e pendente sobre o problema da unidade e da integridade do livro de Malaquias, em conformidade com alguns estudiosos, gira em torno das suas palavras finais (ver Mal. 4.4-6), que, talvez, façam parte integrante do sexto oráculo, e não de uma espécie de conclusão separada.

Alguns eruditos opinam que a referência a Elias constitui uma adição posterior, feita pelo editor da coletânea dos profetas menores, que acreditava que, com o término da profecia (segundo ele pensava), mais do que nunca se tornava necessário observar os preceitos da lei, como medida preliminar para o advento do arauto divino. Mas, apesar de essa opinião ter certos pontos a seu favor, entre os quais se destaca a atitude dos sectários de Qumran para com a profecia e a lei, ela não é passível de ser objetivamente demonstrada, pelo que tem sido rejeitada pela maioria dos estudiosos.

III. Autoria

Tradicionalmente, o último dos doze livros dos profetas menores é atribuído a um indivíduo de nome Malaquias, com base em Mal. 1.1. Mas, conforme dissemos no primeiro ponto, *Caracterização Geral*, consideráveis debates têm surgido entre os estudiosos a respeito de *Malaquias* dever ser considerado ou não um nome próprio ou apenas um substantivo comum, com o sentido de "meu mensageiro". E o que deu azo a isso é que a Septuaginta toma aquela palavra hebraica não como um nome próprio, mas apenas como um substantivo comum. Porém, se seguirmos o costume de todos os profetas escritores, que nunca escreveram obras anônimas, mas sempre em seus próprios nomes, também teremos de concluir que "Malaquias" deve ser o nome de um homem que, realmente, viveu em torno de 450 A.C. Ver a quarta seção, *Data*, a seguir.

Mas, que desde a antigüidade existe alguma dúvida sobre a autoria do último dos livros dos profetas menores, torna-se evidente pelo Targum de Jônatas ben Uziel, que adicionou uma glosa explicativa ao nome "Malaquias", como segue: "cujo nome é Esdras, o escriba", em Mal. 1.1. Porém, a despeito de essa tradição ter sido aceita por Jerônimo, na verdade ela não é mais válida do que tradições similares, associadas a Neemias e Zorobabel. Assim, apesar de quiçá haver alguma base para pensarmos no livro de Malaquias como uma composição anônima, ninguém pode afirmar, com absoluta certeza, de que assim aconteceu, na realidade. Seja como for, até mesmo os modernos eruditos liberais acham conveniente referir-se ao autor do último livro do Antigo Testamento pelo nome de "Malaquias". Se eliminarmos as demais considerações, basta esse fato para debilitar muito seriamente qualquer argumento que defenda o anonimato do livro de Malaquias.

IV. Data

As evidências internas apontam claramente para o período pós-exílico como o tempo em que Malaquias proclamou os seus oráculos. Não obstante, as condições sociais e religiosas que transparecem no livro indicam que ele profetizou algum tempo depois que foi reconstruído o segundo templo de Jerusalém. E a ausência de qualquer referência ao trabalho efetuado por Esdras e Neemias entre os judeus que tinham voltado da servidão na Babilônia parece indicar uma data anterior às reformas religiosas, efetuadas em 444 A.C. Por essas várias considerações, a maioria dos intérpretes postula um tempo de composição em torno de 450 A.C., que se mostra coerente com as evidências internas do próprio livro. Não há razão alguma para supormos que qualquer intervalo de tempo mais dilatado se tenha passado entre a entrega oral das profecias de Malaquias e o tempo em que elas foram reduzidas à forma escrita. De fato, é impossível datar precisamente a composição do livro, por falta de declarações cronológicas nele, mas, levando-se em conta o fato de que Malaquias condenou abusos que eram correntes na época em que Neemias procurou corrigi-los, podemos asseverar que o livro de Malaquias deve ter sido escrito durante o tempo da visita de Neemias a Susã. Ver Nee. 13.6.

V. Lugar de Origem

Se aceitarmos uma data em meados do século V A.C. para a composição do livro de Malaquias, então parecerá patente que os oráculos de Malaquias ocorreram na própria cidade de Jerusalém. Com base no íntimo conhecimento que esse profeta

mostrou possuir acerca dos abusos que estavam sendo cometidos dentro do culto religioso em Jerusalém, parece que ele foi testemunha ocular dos eventos. O culto em Judá estava sofrendo sob as sombrias condições que imperavam na província da Judéia, antes de ter início o trabalho reformador de Esdras e Neemias.

VI. Destino e Razão do Livro

Visto que o objetivo primário de Malaquias era obter a reforma das condições sociais e religiosas de sua nação, levando os judaítas a prestar um serviço religioso a Deus, digno do nome, de acordo com as condições do pacto mosaico com eles estabelecido, por isso mesmo os seus oráculos dirigiam-se à população local, em meio à qual ele residia. Os membros leigos da teocracia haviam sucumbido, em grande escala, à indiferença, ao ceticismo e à falta de zelo, ao mesmo tempo que indivíduos menos responsáveis haviam descido a um nível tão baixo a ponto de escarnecerem do culto com suas atitudes lassas (ver Mal. 1.14 e 3.7-12). Os casamentos mistos com mulheres pagãs também contribuíam para a criação desse clima de indiferença, paralelamente à indulgência diante de ritos religiosos pagãos. Disso tudo resultou que o adultério, o perjúrio e a opressão aos pobres tornaram-se generalizados (ver Mal. 3.5).

Malaquias castigou, igualmente, aos sacerdotes de Jerusalém, acusando-os de se terem enfadado diante de seus deveres religiosos, além de se mostrarem indiferentes para com seus deveres de mordomia das finanças do templo. Tudo contribuía, por conseguinte, para manter um clima em que os preceitos da lei do Senhor eram passados para trás com grande facilidade, como se tudo fosse a coisa mais natural. E a casa de Deus e o altar de Deus iam caindo cada vez mais em opróbrio. Diante desse triste espetáculo de desmazelo, exemplificado pela classe sacerdotal, era apenas natural que o povo começasse a mostrar uma mão sovina, e os dízimos devidos ao Senhor começaram a ser pecaminosamente retidos, aumentando ainda mais o estado de penúria e abandono a que estava relegada a adoração ao Senhor. Dessa desonestidade quanto aos dízimos, Malaquias queixa-se em termos claríssimos e candentes: "Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós bênçãos sem medida" (Mal. 3.8-10). Destarte, Malaquias reverbera o mesmo tema que se vinha reiterando desde Deuteronômio, de que a bênção divina, sobre o Seu povo escolhido do passado, estava condicionada à obediência deles, e, caso contrário, eles só poderiam esperar castigo. Mas, se viessem a incorrer em lapso e, então, se arrependessem de suas atitudes e ações, o Senhor renovaria uma vez mais as Suas bênçãos.

VII. Propósito

O profeta Malaquias parece ter-se preocupado tanto quanto os profetas Ageu e Miquéias acerca da deterioração espiritual dos exilados repatriados. Apesar de Malaquias não estar em posição de despertar o entusiasmo acerca da construção de algum símbolo visível da presença divina entre o povo, como estiveram aqueles outros dois profetas, ainda assim ele foi capaz de apontar, de dedo em riste, para o centro da enfermidade espiritual que havia afetado os habitantes da Judéia. O seu grande propósito consistia em restaurar a comunhão dos judaítas com o Senhor. E isso ele procurava fazer indicando, diante dos seus contemporâneos, as causas do declínio espiritual e mostrando-lhes, ato contínuo, os degraus pelos quais eles deveriam subir, até que a vida espiritual da comunidade judaica pudesse ser revigorada.

Tendo plena consciência de que aqueles elementos deletérios que haviam precipitado a catástrofe do exílio babilônico, em 597 A.C., ainda estavam bem presentes na ordem social de sua época, Malaquias esforçava-se deveras por instruir aos seus conterrâneos as lições ensinadas pela história, guiando-os a um estado de espiritualidade mais profunda. Para ele, esse era o remédio precípuo para as perigosas condições morais, religiosas e espirituais em que se encontravam os habitantes da Judéia nos seus dias. À semelhança de Ageu, que falara antes dele cerca de um século, a preocupação dominante de Malaquias era que os judeus reconhecessem as prioridades espirituais. Se isso fosse conseguido, as caóticas condições vigentes sofreriam uma reversão. "Por vossa causa (então) repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos" (Mal. 3.11,12). Sim, se houvesse correção dos abusos, haveria tanto prosperidade material quanto felicidade individual, e boa fama entre as nações estrangeiras.

VIII. Canonicidade

O livro do profeta Malaquias, disposto em último lugar dentro da coletânea dos chamados "doze profetas menores", nunca teve a sua canonicidade seriamente ameaçada em tempo algum, nem entre os judeus nem no seio da igreja cristã. A despeito do livro ser considerado por alguns uma obra anônima (ver sobre o terceiro ponto, *Autoria,* anteriormente) isso em nada atingiu a sua canonicidade. Todavia, cabe-nos aqui ressaltar que muitos estudiosos, em várias épocas, têm pensado que a obra originalmente fazia parte do volume das profecias de Zacarias, mas, de alguma maneira, acabou assumindo um caráter independente, com o nome de "Malaquias". No entanto, certa diferença fundamental, atinente ao pano de fundo histórico dos livros de Zacarias e de Malaquias, exclui inteiramente tal possibilidade. E, embora possa ter havido alguma dúvida quanto ao nome "Malaquias", como um nome próprio ou como um simples substantivo comum, que teria o sentido de "meu mensageiro" (conforme já tivemos ocasião de comentar), nunca houve objeção, da parte dos judeus, acerca da própria canonicidade do livro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cânon do Antigo Testamento.*

IX. Estado do Texto

Considerando-se o livro de Malaquias como um todo, o texto hebraico da obra tem sido transmitido através dos séculos em boas condições de preservação. Tão-somente existem algumas ligeiras corrupções textuais. No entanto, nesses poucos casos, a versão da *Septuaginta* (ver a respeito no *Dicionário*) serve de prestimoso auxílio na tentativa dos estudiosos da crítica textual de restaurar o texto do livro de Malaquias. Essa versão do Antigo Testamento para o grego inclui alguma palavra extra ocasional que pode ter sido deslocada do texto hebraico original. O fenômeno pode ser averiguado em trechos como Mal. 1.6; 2.2,3 e 3.5. Todavia, é preciso ajuntar aqui que a tradição textual da Septuaginta não é assim tão digna de confiança, quando se trata de emendar o texto hebraico do livro de Malaquias, pois alguns poucos manuscritos da Septuaginta omitiram o texto hebraico do livro em Mal. 3.21.

Um detalhe curioso quanto a isso é que o livro de Malaquias, na Septuaginta, tem apenas três capítulos. Aquilo que a nossa versão portuguesa imprime como Mal. 4.1-6, a Septuaginta não separa do terceiro capítulo do livro, e apresenta como Mal. 3.19-24. Entretanto, isso em nada altera o conteúdo do livro.

X. Teologia do Livro

A espiritualidade refletida no livro de Malaquias assemelha-se muito à que transparece nos livros dos profetas dos séculos VIII e VII A.C., isto é, Joel, Amós, Oséias, Isaías, Miquéias, Naum, Sofonias, Jeremias e Habacuque. Malaquias reconhece a soberania absoluta do Deus de Israel, bem como o que está implicado nas relações do pacto com Deus, tendo em mira o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade teocrática que voltou do exílio babilônico. Somente o cometimento pessoal às reivindicações justas de Deus poderia assegurar a bênção e a tranqüilidade para a nação e para cada indivíduo. Se, juntamente com Ezequiel, Malaquias dá considerável importância ao correto proceder no campo da adoração ritual, como meio seguro de preservar uma nação pura e santa, por outra parte, ele nunca tentou substituir um coração obediente por meras cerimônias. O verdadeiro culto que o homem deve prestar a Deus inclui a retidão moral, a justiça e a misericórdia, e isso paralelamente a corretas formas rituais.

Igualmente importante na teologia expressa no livro de Malaquias é a sua insistência sobre o fato de que o primeiro passo na direção de uma apropriada relação espiritual com Deus é o *arrependimento,* embora ele mesmo não tenha usado nenhum dos vocábulos hebraicos que são assim traduzidos no Antigo Testamento, a não ser *shub,* por três vezes (3.7,18). Mas a idéia de arrependimento, de voltar-se para Deus de todo o coração, transparece continuamente no livro de Malaquias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento,* no tocante às palavras correspondentes no hebraico.

Devido às muitas objeções que tinham sido levantadas contra a abordagem tradicional ao problema do mal, Malaquias sentiu ser necessário enfatizar que a iniqüidade jamais haveria de passar sem punição, posto que o castigo divino fosse sendo postergado, devido à entranhável misericórdia de Deus. O Senhor, pois, continha-se, não descarregando imediatamente a sua ira. É o que diz, por exemplo, em Mal. 3.6. "Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos".

No tocante aos ensinos escatológicos, Malaquias segue bem de perto os pensamentos de Amós e Sofonias, ao esboçar as condições que haveriam de imperar durante "o dia do Senhor". Para Malaquias, esse dia é *insuportável:* "Mas quem pode suportar o dia da sua vinda? e quem subsistir quando ele aparecer?" (Mal. 3.2). Esse dia também é *consumidor:* "... Porque ele (o dia da sua vinda) é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros" (Mal. 3.2b). Esse dia é *purificador:* "Assentar-se-á, como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata" (Mal. 3.3). Esse dia também é *seletivo:* "Eles serão para mim particular tesouro naquele dia que prepararei... Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve" (Mal. 3.17,18). Esse dia é dia de *julgamento:* "Pois eis que vem o dia, e arde como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem perversidade, serão como o restelho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo" (Mal. 4.1). Aquele é um dia de *vitória* para os que temem ao Senhor: "Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos" (4.3). Aquele é um dia *memorável* e *espantoso,* dentro da teologia de Malaquias: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor" (Mal. 4.5). É muito apropriado que o livro de Malaquias, o último livro profético do Antigo Testamento, tenha voltado a vista tão decidida e insistentemente para o *dia* do Senhor dos Exércitos. Toda a literatura apocalíptica da Bíblia—Antigo e Novo Testamento—confirma essa propriedade!

O "dia do Senhor", ao contrário do que andavam pregando os falsos profetas, no dizer de Malaquias será um tempo de calamidade, e não de bênçãos. Pois

será então que pecadores auto-iludidos haverão de ser castigados por haverem violado o pacto com o Senhor e abusado de Sua misericórdia e longanimidade!

É grato observarmos que Malaquias introduziu um tema original, sem paralelo em todo o Antigo Testamento, a saber, um livro de memórias de Deus, onde os atos dos justos ficam eternamente registrados. Isso transparece em Mal. 3.16. "Então os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome". A impressão que se tem é que a fé tornar-se-á tão rara, a justiça andará tão escassa entre os homens, que Deus considerará os justos dos tempos do fim uma autêntica preciosidade, chegando a mostrar-se atento aos diálogos entre eles e anotando por escrito todos os seus atos de justiça. Com essa idéia devemos comparar o que disse o Senhor Jesus, em certa oportunidade: "Contudo, quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?" (Luc. 18.8). E é notável que ele tenha proferido essas palavras, tão esclarecedoras sobre as injustiças que prevalecerão no tempo do fim, após ter contado a não menos esclarecedora parábola do juiz iníquo. Em termos absolutos, durante o "dia do Senhor", haverá a maior colheita de almas de todos os tempos, segundo se pode depreender de Apo. 7.4-9. Nessa passagem do último livro da Bíblia, fala-se sobre os cento e quarenta e quatro mil israelitas salvos durante a Grande Tribulação e de "grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos...". Mas, em termos relativos, o número dos que temerão a Deus será diminuto, pois a humanidade inteira estará seguindo ao anticristo, com a única exceção daqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida. Ver Apo. 13.8. É evidente que Malaquias não tinha em vista todo esse dantesco quadro escatológico, mas também não se deve duvidar de que o Apocalipse nos mostra um desdobramento de tudo quanto a Bíblia disse anteriormente sobre o "dia do Senhor"; e, com toda a certeza, nesse desdobramento temos de incluir a contribuição de Malaquias para as idéias escatológicas. De fato, Malaquias é citado por duas vezes no livro de Apocalipse, segundo se vê na lista seguinte: em Apo. 6.17 (Mal. 3.2); e em Apo. 11.3 ss. (Mal. 4.5, no tocante a Elias, que muitos pensam que será uma das duas testemunhas do fim). No primeiro desses dois casos temos uma citação bastante direta, alusiva ao caráter consumidor e insuportável do "dia do Senhor". Já o segundo caso é mais problemático. Todavia, é inegável que o livro de Malaquias contém uma preocupação escatológica muito grande, conforme vimos anteriormente.

O desenvolvimento da idéia do "dia do Senhor", tomando-se por base o que Malaquias disse a respeito, tornou-se importante na doutrina da vida além-túmulo, tão bem desenvolvida no Novo Testamento, embora de forma alguma desconhecida no Antigo Testamento, mormente nos livros poéticos e proféticos.

Outra ênfase característica de Malaquias é aquela sobre a personagem de um "precursor" que anunciava a vinda do Senhor, ao tempo do julgamento final. Visto que esse indivíduo é identificado com um Elias redivivo (cf. II Reis 2.11), parece provável que esse precursor é concebido por Malaquias como uma figura profética que haveria de oferecer, a um povo desobediente, uma última oportunidade de arrepender-se, antes da eclosão do julgamento divino. Não podemos olvidar que nosso Senhor Jesus Cristo considerou essa profecia de Malaquias como predição que encontrou cumprimento na pessoa e na obra de João Batista (ver Mar. 9.11,13); e também que a igreja primitiva via o cumprimento dessa predição de Malaquias na relação entre o trabalho desenvolvido por João Batista e aquele do Senhor Jesus (ver Mar. 1.2; Luc. 1.17). No entanto, muitos eruditos opinam que a profecia de Malaquias a respeito de Elias não se consumou no ministério de João Batista, mas só encontrará seu cabal cumprimento na pessoa de uma das testemunhas do Apocalipse (cap. 11). Essa não é uma questão tão sem importância como alguns afirmam, porquanto há muita coisa que depende da correta compreensão dessas predições para o fim. Aqueles que pensam que Elias voltará uma terceira vez (a segunda teria sido no caso de João Batista), ainda que não sob a forma de reencarnação, mas apenas como atuação espiritual, apontam para o fato de que Malaquias diz: "... enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor" (Mal. 4.5). No entanto, visto que o ministério de João Batista ocorreu entre os dias de Malaquias e a segunda vinda do Senhor Jesus, outros pensam que a obra do precursor de Jesus Cristo esgotou aquela predição de Malaquias. Esses têm como argumento definitivo outra declaração do Senhor Jesus, em Mar. 9.13. "Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito". Ao que parece, só os próprios acontecimentos apocalípticos do fim poderão esclarecer essa dúvida!

XI. Esboço do Conteúdo

A profecia de Malaquias pode ser analisada em esboço, como segue:

a. Título (1.1)
b. Primeiro Oráculo (1.2-5)
c. Segundo Oráculo, em forma de diálogo (1.6—2.9)
d. Terceiro Oráculo (2.10-16)
e. Quarto Oráculo (2.17—3.5)
f. Quinto Oráculo (3.6-12)
g. Sexto Oráculo (3.13—4.3)
h. Conclusão (4.4-6)

Passaremos a comentar, de modo abreviado, esses seis oráculos e a conclusão do livro de Malaquias.

Primeiro Oráculo. Este oráculo segue o pensamento do profeta Oséias, reafirmando seus protestos do amor divino pelo povo escolhido do Senhor. Assim, embora as condições econômicas dos exilados judeus repatriados estivessem longe de ser ideais, quando Malaquias escreveu, os seculares adversários de Israel—os edomitas—haviam exultado diante da queda de Jerusalém (ver Sal. 137.7). Mas a verdade é que Edom sofrera um desastre muito maior que o de Israel. E, em comparação com o juízo divino contra Edom, eram bem evidentes as bênçãos do amor divino por Israel. Essa idéia transparece claramente nas palavras de Malaquias: "... amei a Jacó, porém, aborreci a Esaú..." (Mal. 1.2,3). Visto que, dentro dessa linguagem metafórica, Jacó representa os escolhidos, e Esaú representa os rejeitados, encontramos aí um princípio básico—o princípio da eleição. Ver Rom. 9.10-13. Portanto, que Israel se regozijasse nesse seu grande privilégio do imorredouro amor divino!

Segundo Oráculo. Encontramos neste segmento do livro de Malaquias um interessantíssimo diálogo usado para denunciar a hierarquia sacerdotal, devido ao seu fracasso em fornecer o tipo de liderança moral, religiosa e espiritual que a nação restaurada de Judá precisava, a fim de que tivessem sido evitados os males que agora a afligiam. Longe de honrarem a Deus, no desempenho fiel e zeloso de seus deveres sacerdotais, aqueles sacerdotes tinham-se mostrado indiferentes, e até mesmo zombeteiros, no desempenho de seus deveres. Dessa maneira, eles profanavam o altar do Senhor. No diálogo deles com o Senhor, os sacerdotes indagavam: "Em que te havemos profanado?", e o Senhor respondeu: "Nisto, que pensais: A mesa do Senhor é desprezível". Chegavam a oferecer animais que não julgariam dignos de ser presenteados ao governador persa. Isto posto, o culto cerimonial, prestado ao Senhor, era desvalorizado em relação aos holocaustos oferecidos pelos pagãos, cujas regras de propriedade eram muito mais exigentes. Assim, se o sacerdócio levítico anterior ao exílio havia exibido certa integridade espiritual, seus sucessores pós-exílicos corriam o perigo de cair no desagrado do Senhor, imitando seus antepassados de pouco tempo antes do exílio babilônico. O ideal do sacerdócio é expresso em Mal. 2.6,7. "A verdadeira instrução esteve na sua (de Levi; ver o vs. 4) boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão, e da iniqüidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos". Como estamos vendo, um sacerdote deveria ser qual um evangelista. No entanto, a grande fraqueza dos sacerdotes levíticos do Antigo Testamento consistia no fato de que eles não levavam a sério essa função evangelística, mas pensavam que lhes bastava ocupar-se das suas funções rituais!

Terceiro Oráculo. Um dos motivos mais fortes da não aceitação da adoração cerimonial dos judeus, por parte do Senhor Deus, consistia na infidelidade conjugal deles. Visto que os judeus repatriados não davam grande importância às injunções levíticas e às implicações da vida comunitária, dentro da aliança com Deus, por isso mesmo, nessa frouxidão, não pensavam ser importante manter fidelidade às mulheres legítimas com quem se tinham casado na mocidade. Pelo contrário, "repudiavam" suas esposas judias e procuravam esposas estrangeiras. Isso naturalmente importava na degradação da família e do lar, com graves conseqüências para os filhos e para a sociedade como um todo. Aliás, em todos os séculos e em todos os países, sempre que a família é devidamente honrada, a sociedade e a moralidade vão bem. A nossa própria época se assemelha aos dias de Malaquias, em que os casais se juntam frouxamente, sem nenhum senso de responsabilidade de um para com o outro, e de ambos para com os possíveis filhos. Estamos na época das "amizades coloridas", em que um homem e uma mulher começam a morar juntos como se tudo não passasse de uma experiência que pode ser repetida com outros companheiros ou companheiras. Esse tipo de leviandade no matrimônio é o ponto visado no terceiro oráculo de Malaquias. E isso, incidentalmente, mostra-nos que o "dia do Senhor" não anda longe. Tal concentração dos pensamentos no sexo, sem o conseqüente senso de responsabilidade, é um dos sinais que advertem aos atentos acerca da proximidade da volta do Senhor. Jesus mesmo ensinou isso: "Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem: Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos... Assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar" (Luc. 17.26,27,30). Essa história se repete todas as vezes em que Deus está às vésperas de fazer decisiva intervenção nas atividades humanas, a fim de estancar os abusos!

Malaquias, pois, deixou claro que tal tipo de pecado certamente não ficaria sem a devida punição. "O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal, seja quem for..." (Mal. 2.12). De nada adiantava o povo mostrar-se religioso e piegas, cobrindo de lágrimas, de choro e de gemidos "o altar do Senhor" (vs. 13), enquanto estivesse andando em infidelidade conjugal!

Quarto Oráculo. Este quarto segmento principal do livro de Malaquias fala sobre a intervenção divina a fim de julgar. Por assim dizer, Deus se cansara da queixa popular comum que dizia que, por não fazer Ele intervenção, estaria aprovando a iniqüidade dos ímpios. Tornou-se comum aos judeus comentar uns para os outros: "Qualquer um que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que Ele se agrada". E também: "Onde está o Deus do Juízo?". Isso constituía grande maldade,

quase um desafio para que Deus se manifestasse. A resposta de Malaquias é que Deus, por ser justo, haveria de sobrevir subitamente à nação de Judá—com julgamento. E a prova disso é que ali estava ele, Malaquias, o mensageiro do Senhor, a dar aviso. "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da aliança a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos".

O propósito dessa intervenção divina, pois, seria separar os fiéis dentre os ímpios. E o sacerdócio que atuava no templo seria o primeiro a sentir o rigor do julgamento divino: "... purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata...". Feito isso, o Senhor voltar-se-ia para as massas populares, com igual rigor, brandindo o látego contra todos os abusadores. "Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o salário do jornaleiro e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos". Tudo isso não parece uma descrição de nossos próprios dias? Portanto, cuidado! A história se repete!

Somente depois de toda essa intervenção purificadora, insiste Malaquias, é que seria agradável ao Senhor "... a oferta de Judá e de Jerusalém... como nos dias antigos, e como nos primeiros anos" (vs. 4).

Quinto Oráculo. Nesta porção de sua mensagem, Malaquias faz cair completamente sobre os ombros de seu povo a responsabilidade por toda a situação caótica que imperava na nação. A coerência de Deus proibia que ele mudasse de atitude (adversa) para com eles, sem uma boa razão. Se os judeus haviam mudado em alguma coisa, haviam mudado para pior. "Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus estatutos, e não os guardastes...". A solução para essa atitude rebelde, pois, é dada logo em seguida: "... tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos". No entanto, eles se faziam de mal-entendidos: "Em que havemos de nos tornar?". Nessa teimosia, pois, eles haviam chegado ao extremo de *roubar a Deus*, negando os dízimos devidos à casa do Senhor!

Somente quando essa deficiência econômica fosse corrigida, os judeus poderiam esperar prosperidade material. Se obedecessem quanto a esse aspecto pecuniário, o Senhor faria intervenção favorável às suas plantações, repreendendo aos gafanhotos e outras pragas ("repreenderei o devorador"), a ponto de os judeus causarem inveja aos povos vizinhos (vs. 12)!

Sexto Oráculo. Este último oráculo de Malaquias aborda, uma vez mais, o grave problema da maldade da vida humana. O tema já havia sido ventilado em Mal. 2.7. Os membros devotos da teocracia, perplexos diante do fato de que indivíduos arrogantes e incrédulos, na sua própria nação, pareciam prosperar mais do que seus compatriotas piedosos, aparentemente sem sofrerem nenhuma repreensão da parte do Senhor, começavam a questionar se valia a pena viver em obediência aos mandamentos de Deus. Essa queixa aparece em Mal. 3.14,15. "Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos! Ora, pois, nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim eles tentam ao Senhor, e escapam". Em resposta a tão amargo e injusto queixume, o profeta Malaquias mostra que Deus tomava nota dos piedosos, daqueles que "temiam ao Senhor". Dessa maneira, quando raiasse o dia do julgamento divino, o Senhor haveria de lembrar-se da vida virtuosa dos fiéis e tementes, deixando claro que aqueles que O servem com fidelidade jamais perderão a sua recompensa. Destarte, o julgamento ameaçado contra os ímpios haveria de destruí-los em suas iniqüidades, ao mesmo tempo que os crentes piedosos haveriam de desfrutar felicidade e bênção. Esses dois destinos tão diferentes—o dos ímpios e o dos piedosos—transparecem em Mal. 4.1-3. Queremos destacar aqui o que Malaquias diz a respeito da felicidade e bem-aventurança daqueles que agora obedecem ao Senhor: "Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria" (Mal. 4.2). Ah! o júbilo final dos remidos, vendo reivindicada pelo próprio Senhor a causa deles! Então os salvos verificarão, em sua próxima experiência gloriosa, que vale a pena servir ao Senhor do universo, com fidelidade e amor!

Conclusão do Livro. Os versículos finais do livro de Malaquias (4.4-6) têm sido considerados, por alguns eruditos, como uma adição editorial feita ao livro. Eles assim argumentam com base no fato de que esses versículos sumariam a mensagem inteira do livro. Outros apontam que assim devemos pensar, sob a alegação de que, dali por diante, o povo deveria voltar-se para a legislação mosaica como fonte de instrução e direção, agora que, com Malaquias, cessara definitivamente a voz da profecia. O primeiro desses argumentos ainda tem alguma razão de ser. Mas o segundo é simplesmente insustentável, porquanto, depois de Malaquias, tivemos o ministério de João Batista, que, segundo esclareceu o Senhor Jesus, era "mais do que um profeta" (ver Mat. 11.9). Além disso, porventura já houve profeta maior do que o próprio Senhor Jesus? E é no espírito dessa convicção que devemos entrar no Novo Testamento até hoje, porquanto se lê em Apocalipse: "... o testemunho de Jesus é o espírito da profecia" (19.10)!

Uma Última Observação. Que contraste entre o Antigo e o Novo Testamento! O antigo pacto termina com uma ameaça velada: "... para que eu não venha e fira a terra com maldição" (Mal. 4.6). Mas o Novo Testamento encerra-se com uma bênção muito ampla: "A graça do Senhor Jesus seja com todos" (Apo. 22.21)! Sim, a lei era o ministério da condenação (ver II Cor. 3.9), mas em Cristo há salvação eterna para todos os que crêem (ver Rom. 1.16)!

Ao Leitor

O leitor sério, ao examinar o livro de Malaquias, preparará o caminho para seu estudo lendo a *Introdução* ao livro, que aborda os seguintes assuntos: caracterização geral; unidade do livro; autoria; data; lugar de origem; destino e razão do livro; propósito; canonicidade; estado do texto; teologia do livro; conteúdo.

Em companhia de Ageu e Zacarias, Malaquias teve seu ministério em Judá (cerca de 397 A. C.), depois do *Cativeiro Babilônico* (ver no *Dicionário*). Ver no início da exposição de Oséias o gráfico que ilustra as datas e localizações dos ministérios dos profetas do Antigo Testamento.

Profetas Menores. Malaquias era um dos chamados *Profetas Menores*. O termo *menores*, neste caso, não é um julgamento quanto à importância destes profetas, apenas se refere ao *volume* de material que eles deixaram escrito. Paralelamente, o termo *maiores* da expressão *Profetas Maiores* refere-se apenas ao volume que esses profetas escreveram. Os Profetas Maiores são: Isaías, Jeremias e Ezequiel. Os *doze* profetas menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Os eruditos judaicos agruparam estes profetas num rolo só e chamaram a esse jogo de composições de "O Livro dos Doze".

Talvez Malaquias fosse o último dos profetas do Antigo Testamento, como afirmam alguns intérpretes, embora outros lhe atribuam uma data anterior. Ver a discussão detalhada sobre este problema na *Introdução*, seção 4. O arranjo dos livros do Antigo Testamento, que temos nas nossas Bíblias hoje, dá a Malaquias a *última voz* dessa coleção. Logicamente outras vozes de importância se seguiram nos livros apócrifos e pseudepígrafos, antes da época do Novo Testamento. De fato, algumas *dessas vozes* foram poderosas e forneceram informações críticas e importantes.

Obviamente, o Novo Testamento tem falado mais alto que todas as vozes da literatura bíblica que o precederam.

As mensagens principais de Malaquias são: o amor de Yahweh, os muitos pecados do povo que mereciam castigo, o dia do Senhor, o Messias em Seus dois adventos, e a restauração de Israel.

É bem provável que Malaquias tenha ministrado no quinto século A. C., cerca de 100 anos depois do decreto misericordioso de Ciro que libertou os cativos da Babilônia, publicado em 537 A. C. A vida não era fácil, mas era fácil o suficiente para produzir um povo essencialmente indiferente à mensagem divina. A lei mosaica não era obedecida e as esperanças dos Pactos se tinham apagado. Os divórcios se multiplicaram, e a moralidade, de modo geral, *azedou*. Por outro lado, o profeta Malaquias era uma exceção à inércia generalizada, não se afundando na lamacenta mediocridade do povo. Atacou com sua profecia, mas nunca perdeu de vista a esperança brilhante do Novo Dia, terminando sua profecia com a descrição do glorioso dia do Messias, quando Israel será restaurado. Infelizmente, a *última palavra* de sua profecia (portanto, a última do Antigo Testamento) é de *maldição*. O Novo Testamento foi escrito para apagar essa palavra. Os próprios judeus não gostaram da maneira como Malaquias encerrando "o livro dos doze", por isso manejaram essa circunstância à maneira deles, o que é explicado na exposição em Mal. 4.6.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Sobrescrito (1.1)

1.1

Sentença pronunciada... O hebraico traduzido por *sentença* aqui é *massa*, literalmente um *peso*, portanto, neste contexto, uma *mensagem pesada* que o profeta lançou nas costas do povo. Nos livros proféticos do Antigo Testamento, oráculos e revelações são chamados *pesos* (cargas) 27 vezes; alguns exemplos: Isa. 13.1; 14.28; 15.1; 22.1; Naum 1.1; Hab. 1.1 e Zac. 9.1. A palavra denota ansiedade, receio e algumas vezes, terror.

Por contraste, considere-se o capítulo 2 de Lucas, que fala do nascimento de Jesus.

> *Paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem.*
>
> (Lucas 2.14)

Palavra do Senhor. Os profetas do Antigo Testamento freqüentemente começavam seus livros com estas palavras, afirmando a inspiração de suas mensagens e o fato de que eles foram autorizados por Yahweh como mediadores. Ver no *Dicionário* os artigos *Revelação; Inspiração; Profecia, Profetas e o Dom de Profecia.*

Malaquias. Ver na *Introdução*, seção 3, o que se sabe sobre este homem. O nome significa *mensageiro,* o homem que foi escolhido para fazer a última volta do Antigo Testamento, completando a corrida de muitos séculos. A Septuaginta não entende a palavra aqui como um nome próprio, deixando "algum mensageiro" indefinido ser o agente que trouxe as mensagens pesadas para perturbar a vida de um povo acomodado. O Targum, na introdução ao livro, também deixa o autor desconhecido, mas em outro lugar diz que *Esdras* foi o escritor, conjectura altamente improvável.

O Amor de Deus por Israel Comprovado pelo Destino Amargo de Edom (1.2-5)

1.2

Esaú era irmão gêmeo de Jacó e pai dos edomitas. Desde o inicio houve conflito entre eles, e os descendentes de Edom se tornaram irracionais e extremamente amargos contra Israel, resultando em matanças e desgraças diversas. Parte do bem-estar de Israel foi *a derrota* de seus inimigos e o fim do tormento.

Era doutrina padrão que Yahweh tinha escolhido Israel para ser um povo *distinto* (Deu. 4.4-8). A apatia-corrupção do povo, no tempo de Malaquias, havia desperdiçado a idéia de ser uma nação especial, supostamente favorecida em detrimento das outras. O sofrimento dos ataques e cativeiros babilônicos apontaram para outra direção. As promessas brilhantes entraram nas sombras de circunstâncias adversas. Ver Deu. 7.12-13. O profeta Malaquias tentava reverter a situação com palavras de encorajamento.

"A pequena comunidade, que se estendia somente um pouco além das margens de Jerusalém, com um solo infértil atacado por secas periódicas, tornou-se cética em relação às promessas e profecias. Precisava de *evidências* do amor especial de Deus por eles" (Robert C. Dentan, *in loc.).*

Os julgamentos de Yahweh deixaram Edom em condições piores que as de Israel e isso servia como *evidência* do amor de Deus por Israel, porque um velho tormento tinha sido eliminado. O profeta mostrará outras evidências. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Amor.* Cf. Osé. 11.1,3,4,8,9 e Isa. 43.4. Os trechos de Deu. 4.37; 5.10 e 7.6-9 ilustram aspectos do presente trecho de Malaquias. Israel, cheio de ceticismo e amargura, "deveria ter reagido com amor para com Deus e obediência aos seus mandamentos, Deu. 6.4-9" (Craig A. Blaising, *in loc.*).

1.3

Aborreci a Esaú. O amor e o ódio divino são *ativos;* o ódio é evidenciado num número de vezes muito grande nas páginas do Antigo Testamento, e pronunciamentos contra Edom são freqüentes. Esaú (Edom) foi odiado por suas corrupções e perseguições contra Israel e, afinal, foi deixado desolado pelos julgamentos de Yahweh. Seu território tornou-se um lugar de "assombração" de animais selvagens, tendo acabado desabitado.

Os intérpretes gastam seu tempo procurando convencer-nos de que este ódio divino é uma expressão *comparativa* que se contrasta a um amor *maior* por Israel. O ódio é ódio puro, não amor de menor grau. Os rabinos não deixam dúvida quanto à interpretação dessas passagens e, infelizmente, até o apóstolo Paulo tomou emprestada a idéia para fortalecer seu argumento de *eleição* gratuita em Rom. 9.13. A maior parte no Novo Testamento é contra esta *visão de Deus,* já que Seu nome nesse documento é sinônimo de *Amor* (I João 4.8).

Edom, para Israel, era a pura essência da crueldade e barbaridade, e alvo natural e necessário para a ira de Deus (Eze. 25.12; Isa. 63.1-6; Oba. 1-21). Os escritores bíblicos aplicam *antropomorfismo* e *antropopatismo*, descrevendo Deus segundo atributos e emoções humanas, atividade duvidosa que resulta do dilema da fraqueza de nosso raciocínio e linguagem. Ver esses termos no *Dicionário.* Assim como podemos argumentar que termos como *amor* e *ódio*, quando aplicados à Pessoa Divina, significam "escolhas divinas", e não emoções (os eleitos são escolhidos, e os reprovados, rejeitados), o problema não diminui com a troca de terminologia. De qualquer maneira, neste trecho, o assunto não é a salvação da alma nem sua condenação "num mundo vindouro", depois da morte biológica. O texto fala de acontecimentos no mundo físico, que resultam da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

Historicamente, está em vista o ataque de Nabucodonosor contra Edom, provavelmente seguido por uma expulsão do povo de seu território. Alguns acham que estão em pauta os muitos ataques dos árabes nabateus, não o do exército da Babilônia. Yahweh, naturalmente, tinha diversos instrumentos de Sua ira e não é necessário determinar, com precisão, qual ou quais estão em vista neste texto. A mensagem é: o que aconteceu a Edom foi um *favor divino* para melhorar as circunstâncias da vida de Israel.

1.4

Fomos destruídos, porém tornaremos a edificar as ruínas... Eles edificarão, mas eu destruirei... *Reconstrução?* As tentativas de Edom para reconstruir-se, reconquistando os poderes e prestígio de outrora, seriam frustradas pela mão pesada de Yahweh, que continuaria golpeando aquele "país", que já não merecia mais o nome de povo.

Edom mereceu ceifar o que semeou; o processo apresentou Israel com um benefício significativo: o tormento de Edom, que durava por séculos, acabou. Chegou o *fim*, não meramente uma derrota temporária. O remanescente de Edom nunca se recuperou o suficiente para reconquistar seus territórios e renovar a nação. Os poucos sobreviventes se estabeleceram no sul da Palestina, tendo Hebrom como "capital" (I Macabeus 5.3; 65). João Hircano informa que eles, afinal, se incorporaram a Israel e, assim, aquela nação caiu no esquecimento (ver Josefo, *Antiq.* XIII.9). Isto aconteceu cerca de 135-104 A. C.

O Senhor dos Exércitos. Ver no *Dicionário* sobre esse título, que ocorre 24 vezes neste pequeno livro. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de*, seção III, número 11, *Yahweh Sabaoth.* Utilizando Seus poderes ilimitados, *Yahwew-Sabaote*, decretou o amargo destino de Edom. Israel, em guerra constante, fez de Yahweh o *General de seu Exército,* aplicando um crasso *antropomorfismo*, mas que comunica bem a idéia de poder em ação.

O versículo termina lembrando o ódio de Deus e o que Ele fez, em Sua ira, para acabar com Edom, o que favoreceu Israel: o ódio demonstrou amor!

1.5

... direis: Grande é o Senhor também fora dos termos de Israel. Israel, observando o que aconteceu com seus inimigos, regozijará, dando crédito a *Yahweh-Sabaote*, porque, afinal, Ele efetuou a *paz.*

O ódio-amor foi efetivo e demonstrou a universalidade de Yahweh. Ele deixou de ser um deus tribal na mentalidade do povo que observava Suas ações internacionais.

Os Pecados do Ministério (1.6 - 2.10)

1.6

Se eu sou Pai, onde está a minha honra? Aqui temos a *acusação formal* de Yahweh contra os líderes religiosos do país. Por causa das muitas iniqüidades e corrupções (deles mesmos e do povo que os imitou), eles caíram sob a *maldição divina* (Mal. 2.2). O Israel pós-exílico não prosperaria enquanto tivesse tais homens na liderança. Aqueles ímpios desprezaram Yahweh e Sua lei, rejeitando sua missão exaltada como sacerdotes. Eram os maiores infratores da lei mosaica e o próprio padrão de perversidade. A ira divina os golpearia, Deus era Pai, e eles, Seus filhos, mas violaram esse relacionamento exaltado.

A *Paternidade de Deus* (ver no *Dicionário*) é um grande tema para nossa canção. Não somos capazes de entender a essência de Deus, mas podemos alcançar algum conhecimento através de termos aplicados a Ele e da observação de Suas operações no mundo. Podemos ver o amor de Deus expressando-se mesmo em meio ao nosso mundo violento.

Uma Lição da África. Os missionários evangelizaram certa parte da África e fundaram algumas igrejas. Certo membro, antes zeloso, parecia ter esfriado. Um missionário perguntou a razão de sua aparente indiferença. Ele respondeu: "O

senhor nos informa que Deus é nosso Pai. Não preciso saber mais nada". Das relações entre os homens, a de pai-filho é a mais exaltada. Aqueles religiosos tinham esquecido que Yahweh-Sabaote era Pai, e agiam como filhos do diabo, desrespeitando sua missão sagrada e o amor de Deus-Pai.

> *Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa).*
>
> *(Efésios 6.2)*

Ver Êxo. 20.12 e Deu. 5.16.

Além de ser Pai, Yahweh era também *Senhor,* e todos os homens sábios respeitam os senhores com autoridade sobre eles. A alusão é à *escravidão.* Os senhores tinham poder absoluto sobre seus escravos, que não tinham vontade própria. Os ímpios, que se revoltaram contra o Senhor, pagariam alto preço por sua rebeldia. Yahweh-Sabaote (título divino usado 24 vezes neste livro; ver as notas em Mal. 1.4) não olharia noutra direção, como eles pensaram em vão. Pelo contrário, eles seriam chicoteados com aquelas 39 chicotadas que lhes tirariam sua rebeldia e arrogância. Eles colocaram sua vontade contra a vontade divina, um erro crasso e custoso.

Deus era Senhor, e eles, Seus escravos, mas eles não tinham respeito nem receio do Senhor Celestial. Eram alegadamente homens religiosos, mas na verdade *ateus práticos.* Em *teoria* honravam a Deus, mas na *prática* honravam o diabo. Falavam de Deus em discursos eloqüentes, mas viviam de forma esquálida.

1.7

Aqueles ímpios **e** reprovados, quebrando os regulamentos da lei mosaica, fizeram *ofertas poluídas,* isto é, ofereceram animais *com defeitos.* Paralelamente, sem dúvida, guardavam para seu próprio uso os melhores animais. Tinham refeições com os cortes mais excelentes; davam banquetes; vendiam e compravam animais, promovendo um comércio lucrativo. Somente os animais inúteis para seu propósitos chegavam ao altar de Yahweh. Ver Lev. 22.17-20, que contêm a legislação contra o uso de animais defeituosos em sacrifício. O uso de tais animais nos ritos poluía os adoradores e os sacerdotes que efetuavam os sacrifícios (Lev. 22.2,32). Eles desprezaram a lei e o Nome de Yahweh (Mal. 1.6). Os sacrifícios foram chamados de *comida;* primeiro, porque foram *simbolicamente comida* para o próprio Deus (um conceito primitivo de sacrifícios, adotado pelos hebreus; ver Lev. 21.6); e, segundo, porque as *oito* porções se tornaram comida literal para os sacerdotes (ver. Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 3.17). O restante dos animais, uma vez que os sacrifícios tivessem sido realizados, tornava-se refeição comunal do povo. Com exceção dos holocaustos, nos quais o corpo inteiro do animal sacrificial era queimado no altar, os sacrifícios eram ocasiões de festas, com bastante comida, vinho, música e dança. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Holocausto.* Nesse tipo de oferta, Yahweh era o único beneficiado. Das outras, Ele recebia somente a *gordura e o sangue,* partes mais nobres (segundo a mentalidade hebréia) dos sacrifícios. Ver as leis sobre sangue e gordura, em Lev. 3.17.

Os sacerdotes, não em palavras, mas em ações, estavam dizendo: "A mesa do Senhor é desprezível". Essa condição não podia continuar. Um golpe divino logo baixaria a arrogância dos líderes maldosos.

1.8

Exemplos de animais com defeitos: animais cegos e aleijados foram sacrificados a Yahweh; mas se um oficial (governador) passasse por ali, e os sacerdotes preparassem uma refeição para ele, *certamente* não utilizariam tais animais para o banquete. Ver Nee. 5.17, para a mesa suntuosa do governador. Note-se aqui a palavra *persa* para *governador, pehah,* que cabe bem nos tempos pós-exílicos de Israel, quando os persas ganharam o controle de tudo. Israel tornou-se uma província do império persa.

Yahweh-Sabaote, o Senhor dos Exércitos (título divino usado 24 vezes neste livro; ver Mal. 1.4), observando a cena como Governador Universal, retaliaria com golpes de praga, pestilência, violência, catástrofes naturais, a fim de castigar aqueles ímpios que respeitavam um governador mais do que faziam com o *Governador.* Aqueles depravados agiram como se Deus não existisse, promovendo suas profanações e blasfêmias. Talvez eles fossem *deístas,* acreditando que existiam forças divinas, mas supondo que elas não tinham nada que ver com a vida prática. O *Deísmo* é, naturalmente, uma forma de *ateísmo prático.* Contrariamente, o *Teísmo* ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas intervém, castigando os maus e abençoando os bons, segundo a lei moral. Ver no *Dicionário* sobre esses dois termos, e também o artigo denominado *Providência de Deus.*

A menção ao *governador* aponta claramente para o período persa, quando Judá era administrada por um governador designado pelo império persa. O grande rei controlava todos os aspectos da vida de seus territórios conquistados. A palavra *pehah* era utilizada também para designar os governadores Zorobabel (Ageu 1.1) e Neemias (5.14).

1.9

O Governador dos Céus, observando o que aqueles perversos estavam fazendo, zangou-se e logo os colocaria no devido lugar. O profeta os encorajou a implorar o perdão de Deus antes que caísse o golpe doloroso. Eles tinham perdido o favor de Yahweh, promovendo seu jogo tolo. A ira de Deus era iminente e não havia muito tempo para evitá-la. O arrependimento, acompanhado por uma vida transformada, poderia evitar a catástrofe.

"É triste quando a religião torna-se institucionalizada e padronizada, perdendo sua pureza original. Perto do fim da vida do general William Booth, o *Exército de Salvação* (ao qual Booth dedicou todos os seus esforços e dinheiro) começou a dividir-se em rivalidades, visando a sucessão de poder na organização. Quando sua morte se aproximava, Booth perguntou à esposa: 'Katie, por que não se pode preservar um movimento puro, por mais de uma geração?'" (Willard L. Sperry, *in loc.*).

1.10

Oxalá houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis debalde o fogo no meu altar. A primeira parte deste versículo, no hebraico, é obscura e tem provocado várias interpretações. Talvez a Atualizada capte o significado com suas palavras: *Os sacerdotes* estavam promovendo um culto insultante, desgraçando o Nome de Yahweh, chamando, de novo, *Yahweh-Sabaote,* o Senhor dos Exércitos. Yahweh não aceitou suas ofertas; não se alegrou com seus esforços inúteis e hipócritas. O Senhor dos Exércitos exige um culto puro e sincero, seguindo a legislação mosaica em todos os seus aspectos. O versículo é ainda mais surpreendente quando nos lembramos de que Yahweh-Sabaote condenou o sacerdócio pós-exílico, o qual nada havia aprendido com a quase-destruição de Judá pelos ataques e cativeiros babilônicos. A história nada havia ensinado a eles; a experiência amarga não os impressionou. O estado moral e espiritual daqueles depravados revertera para a apostasia dos tempos pré-exílicos.

"Aprendemos neste trecho que não houve entre eles um único sacerdote sincero e honesto. Tomaram-se um bando de egoístas, corruptamente mundanos. Ninguém acendia o fogo no altar para fazer um sacrifício, se não recebesse dinheiro" (Adam Clarke, *in loc.*).

Segundo o entendimento da NCV, a primeira parte do versículo, com seu hebraico obscuro, talvez indique que aqueles sacerdotes *apóstatas* estavam acendendo fogo em altares alheios (idólatras), mas não no altar de Yahweh. Se este for o significado do texto, fica claro que o sacerdócio tinha voltado para a *idolatria-adultério-apostasia* dos tempos pré-exílicos. A história judaica afirma, contrariamente, que o cativeiro babilônico tirou da cabeça dos judeus todo o desejo de praticar a idolatria, escrevendo *finis* sobre aquela prática.

1.11

Porque o meu nome é grande entre as **nações, diz o Senhor dos Exércitos.** *Desonra e Honra.* O nome de Yahweh estava sendo desonrado em Jerusalém, mas chegaria o dia em que esse Nome seria honrado universalmente, do levantar ao pôr-do-sol, isto é, do extremo oriente ao ocidente. Os gentios correriam para o culto a Yahweh, levando sacrifícios puros e aceitáveis, em contraste com as ofertas poluídas do sacerdócio de Judá (vss. 7-8). Yahweh-Sabaote seria reconhecido universalmente como o Soberano sobre toda a terra.

> *... a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

Seguem-se as várias interpretações do versículo:

A Referência Histórica. Os judeus da dispersão, em contraste com os de Judá, ofereciam sacrifícios puros e faziam muitos prosélitos entre as nações. Mas esta interpretação aceita a duvidosa idéia de que ofertas feitas fora de Jerusalém eram *legítimas* e aprovadas por Yahweh.

Outra Referência Histórica. Os *próprios gentios* tinham desenvolvido um culto completo com sacrifícios, que agradava a Yahweh, sendo aceito por Ele, no lugar do culto poluído de Jerusalém. Neste caso, o versículo seria paralelo a Rom. 2, mas este texto não fala de sacrifícios e é duvidoso que algum judeu (Malaquias ou Paulo) aceitasse como legítimos sacrifícios de prosélitos, feitos fora de Judá.

A Interpretação Escatológica. Provavelmente o texto é escatológico, prevendo o dia da aceitação dos gentios na comunidade sagrada. Ver os textos parale-

los de Mal. 4.1-2; Isa. 11.9; 45.22-25; 49.5-7; 59.19; Dan. 7.13,14,27,28; Sof. 2.11; 3.8-11; Zac. 14.9,15.

A Interpretação Cristianizada. Alguns intérpretes vêem aqui a operação do evangelho no mundo que unirá judeus e gentios na igreja cristã. Dificilmente este texto pode ser considerado evangélico.

A Eucaristia. É grande exagero de alguns intérpretes ver aqui uma profecia da eucaristia cristã, a *oferta* dos cristãos que substituiria os sacrifícios dos judeus.

1.12-13

A mesa do Senhor é imunda, e o que se oferece, isto é, a sua comida, é desprezível. Em violento contraste com os gentios piedosos, os sacerdotes judeus, do tempo de Malaquias, profanaram os sacrifícios, o culto e os ritos de Yahweh. Continuaram poluindo as ofertas com animais defeituosos (vss. 7-8). Alguns chegaram ao absurdo de declarar que o altar de Yahweh era *imundo* e Seus sacrifícios, inúteis.

Lançais muxoxos. Culpados de profanidade crassa, eles se desqualificaram como sacerdotes de Yahweh. Eles falaram: "Cansamos de fazer estes sacrifícios interminàveis que não têm valor nenhum". E desprezaram "o negócio de sacrifícios" (vs. 13). Os sacerdotes eram tão profanos quanto seus sacrifícios e tão defeituosos quanto os animais que ofereciam. Eram sacerdotes "profissionais" cansados de seu ofício rotineiro e enfadonho. "... me lançais muxoxos", fazendo sons de animais, enquanto preparavam os sacrifícios, com tédio e desprezo. "O tédio dos sacerdotes, que agiam como meros profissionais, quando tinham de cumprir a rotina de seu ofício, se expressa de forma inequívoca no vs. 13" (Robert C. Dentan, *in loc.*). Faziam sons tolos, imitando os de animais, como as vacas fazem quando não gostam de sua forragem. Sopraram com força através de suas narinas, como touros inquietos. Cf. Miq. 6.3.

Os animais que haviam sido trazidos como ofertas eram *cegos, aleijados* (vs. 8), *rasgados* por feras selvagens e até *doentes* (vs. 13). Significavam um insulto a Yahweh. Até homens famintos hesitariam em comer tais animais, mas os *cachorros* os achariam deliciosos. Ver Lev. 22.31.

Lições Morais e Espirituais. Que valor têm a adoração e o serviço que os cristãos mundanos, da nossa época, oferecem a Deus? Que valor têm os cultos de hoje que imitam clubes noturnos com sua música doentia? Os ministros oferecem "porcos" no altar, para atrair pessoas a ouvir seu "evangelho". De fato, as pessoas vão à igreja para assistir a shows musicais.

1.14

Aqueles sacerdotes ímpios não ofereceram animais defeituosos por causa de pobreza. Eles guardavam os bons animais para seu próprio uso e comércio. Os leigos imitaram os sacerdotes perversos, trazendo animais miseráveis para sacrifícios. Juntos, sacerdotes e pessoas comuns jogaram uma maldição sobre todo o sistema de sacrifícios que se tornou uma farsa. Assim, *Yahweh-Sabaote* (o Senhor dos Exércitos) lançou-lhes uma maldição. Até os que fizeram votos e promessas *voluntários*, que não faziam parte das *obrigações* da lei, trouxeram animais defeituosos. O nome de Yahweh estava sendo profanado entre as nações, mas o povo de Israel nada temia, nem o Grande rei, o Deus dos Céus. A verdadeira fé em Israel tinha morrido fazia muito tempo, e uma imitação controlava o sacerdócio e o povo. Ver Deu. 23.21-23, para *ofertas voluntárias*, e Lev. 22.17-24, para direções específicas sobre os tipos de sacrifícios aceitáveis para fazer votos. O povo tentava enganar e defraudar Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Voto*, para detalhes. Aqueles pervertidos agiam frivolamente com as coisas divinas, zombando do Grande Rei. Eles pagariam um preço alto, afinal.

Para *votos*, uma *ovelha* era aceitável, se não tivesse defeito (Lev. 22.23). Mas se um homem tinha prometido oferecer um *macho*, glorificando-se assim com sua maior piedade, então era obrigado a oferecer o macho, não a fêmea, ou seu voto não teria valor. O macho era aceitável para ofertas queimadas, mas a fêmea não. Talvez o texto indique que o "adorador" ofereceu uma *fêmea* defeituosa, um insulto duplo, porque tinha prometido sacrificar um macho sem defeito. Cf. esta circunstância com a história de Ananias e Safira em Atos 5. A mesma lição é evidente nos dois textos. Os homens verdadeiramente piedosos são, *eles mesmos*, ofertas aceitáveis a Deus.

> *Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.*
>
> (Romanos 12.1)

Quantos de nós somos como os homens do texto de Malaquias, e não como o ideal do apóstolo Paulo?

O capítulo 1 termina enfatizando a honra suprema e a autoridade absoluta de Yahweh, que os iníquos haviam esquecido.

Capítulo Dois

Pessoas que Brincam com a Religião (2.1-17)

O autor continua descrevendo os ultrajes do povo do período pós-exílicos, que nada aprenderam das catástrofes sofridas às mãos dos babilônios. Mal. 1.6-14 registra a *acusação formal* de Yahweh contra o sacerdócio, estendida aos leigos e à cidade profana, em Mal. 1.14. A presente seção ataca os pecadores que brincam com a vida espiritual, hipócritas que quebram todas as regras sagradas. A seção começa com um *decreto* contra os sacerdotes.

2.1

Para vós outros é este mandamento. A mensagem, apresentada como *mandamento*, ataca os sacerdotes ofensores e profanos e é semelhante a Mal. 1.6-14. O mandamento é uma *ordem* que deve ser obedecida para evitar as mais sérias conseqüências, um *decreto* que não permite interpretação adversa. A palavra de Yahweh é uma *maldição* (ver o vs. 2).

2.2

Amaldiçoarei as vossas bênçãos; já as tenho amaldiçoado, porque vós não propondes **isso no coração.** *Yahweh-Sabaote* (o Senhor dos Exércitos, título divino que ocorre 24 vezes neste livro; ver as notas em Mal. 1.4), pronuncia Seu *decreto*, que se torna uma maldição se não for obedecido.

Maldição. Ver as maldições da lei de Moisés, em Deu. 27.15-26 e 28.15-68. "Os melhores dons de Deus, usufruídos com abuso por homens ímpios, tornam-se veneno para eles" (Adam Clarke, *in loc.*).

No coração. Ver a religião do *coração*, em Pro. 4.23, e o artigo no *Dicionário*. Ver sobre "escuta", em Sal. 64.1. *Ouvindo com o coração*, a pessoa é transformada. Se a mensagem é "ouvida", mas não obedecida, então não é ouvida *pelo coração*. Uma maldição vem sobre os hipócritas que "ouvem", através da audição, mas "não ouvem" no íntimo de seu ser. A mensagem deve produzir resultados através do arrependimento e da transformação da vida para melhor. Todas as bênçãos já recebidas tornar-se-ão maldições, porque serão anuladas e substituídas por calamidades.

> *Quando andamos com o Senhor na luz da Sua Palavra,*
> *Que glória Ele derrama no nosso caminho!*
> *Enquanto Sua boa vontade cumprimos,*
> *Conosco habita sempre,*
> *E com todos os que confiam e obedecem.*
>
> (J. H. Sammis)

Desonrando o Nome. Aqueles perversos ousaram desonrar o nome de Yahweh, com ações que contrariavam a lei de Moisés. A lei é o *guia* (Deu. 6.4 ss.); dá *vida* (Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11); faz um povo *distinto* (Deu. 4.4-8). Ver sobre *Nome*, no *Dicionário*, e em Sal. 31.3. Ver sobre *Santo Nome*, em Sal. 30.4 e 33.21. Mal. 1.6-14 informa como os sacerdotes deveriam ter honrado o Nome, evitando os muitos pecados que praticavam, principalmente desonrando seu ofício e agindo como advogados do diabo.

2.3

Descendência. Alguns intérpretes entendem que a palavra hebraica correspondente refere-se à *agricultura*, não aos descendentes. A palavra é, literalmente, *semente*. Metaforicamente, entendemos "descendência". De qualquer maneira, a agricultura e os descendentes daqueles reprovados sofreriam a maldição de Yahweh. Os sacerdotes que desonraram o Nome seriam desonrados.

Atirarei excremento aos vossos rostos, excremento dos vossos sacrifícios. Como os levitas tinham a desagradável tarefa de tirar o esterco da corte do templo, assim aqueles homens iníquos seriam lançados fora juntamente com toda a sujeira do lugar. De fato, eles se tornaram pior que o esterco, sendo o *esterco vivo* que poluiu o templo e o culto.

Os animais agonizantes, que eram mortos para tornar-se sacrifícios, perdiam o controle e espalhavam excremento por toda a parte. Os homens-animais que quebraram as regras mosaicas espalharam seu "excremento" no templo. O esterco, em vez de ser removido da área sagrada, seria jogado no rosto dos sacerdotes apóstatas.

2.4

Para que a minha aliança continue com Levi. *Aqueles homens depravados estavam anulando o pacto que havia feito da tribo de Levi uma casta sacerdotal;* receberam o serviço sagrado e altas responsabilidades, mas brincaram com a religião, tornando-se corruptos. Somente os descendentes de Arão (um ramo dos levitas) podiam ser sacerdotes (Lev. 1.5). Os outros ramos serviam como assistentes, realizando tarefas servis, sujas e difíceis (Num. 18.2-4). Os levitas receberam privilégios, e os levitas-sacerdotes, *altos* privilégios. De modo geral, os levitas abusaram de seu ofício. Ver Núm. 25.13, para o *pacto do sacerdócio perpétuo.*

2.5

Minha aliança com ele foi de vida e de paz. Somente uma *mudança radical* preservaria o pacto. Ver um pano de fundo provável do presente texto, em Deu. 33.8-11. A casta sacerdotal foi criada para servir ao povo, em questões espirituais, não para servir a si mesma, aumentando riquezas e praticando prazeres proibidos. Os sacerdotes "profanaram" o culto e a eles mesmos, violando a legislação mosaica pela qual deveriam ter dirigido sua vida. O pacto tinha a intenção de trazer *vida e paz*, mas tornou-se veneno na boca dos ímpios. O veneno destruiria seus criadores, cumprindo as exigências da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

... lhe dei eu para que temesse... O pacto que havia trazido vida e paz devia ter produzido *temor a Yahweh* na mente dos sacerdotes, mas o "Dom" não os impressionou; eles corriam atrás de contendas e da morte espiritual, em vez de se beneficiarem com a provisão. Ver sobre *Temor* no *Dicionário*, e notas adicionais, nas exposições em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. "O temor ao Senhor" designa a espiritualidade, como entendida no Antigo Testamento, incluindo: reverência, obediência e verdadeiro *temor* a Yahweh, que tem a vida e a morte nas Suas mãos. A espiritualidade do Antigo Testamento é a obediência à lei de Moisés, com o coração, isto é, com *sinceridade*, inspirada pelo Espírito. O pacto de Deus abençoaria com vida e paz, mas os homens desobedientes tudo azedaram. O pacto continuaria válido, somente se a casta sacerdotal *cumprisse* sua parte. Cf. Núm. 18.7-8, 19-21.

2.6

A verdadeira instrução esteve na sua boca. A casta sacerdotal tinha recebido a palavra de Deus para transmiti-la ao povo. O ministério tinha recebido a *verdade* de Yahweh que governa a vida humana, incluindo o culto e seus muitos regulamentos, que se tornaram parte da legislação mosaica. A "verdadeira instrução" (RSV) estava contida na revelação que os depravados pouco seguiram e pouco transmitiram. A casta sacerdotal ideal receberia e obedeceria a toda a legislação, não pervertendo as instruções e estando sempre pronta para comunicá-las. Também *andaria* no caminho designado por Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Andar*, para detalhes sobre essa metáfora. O resultado de um *ministério ideal* seria o abandono de toda a iniqüidade, bem como a transformação espiritual. Mas a *casta pouco ideal* do tempo de Malaquias recebeu com descaso a mensagem de Yahweh, desobedecendo-a e transmitindo-a muito mal. Os *filhos da perdição* dirigiam o povo para a destruição, em vez de dirigí-lo no caminho da vida. Aqueles ímpios eram ruins e apresentaram exemplos ruins. Erraram em todos os sentidos, anulando o ofício sagrado.

2.7

Os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento... porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos. *O sacerdote justo* seria cheio de conhecimento e entusiasmo para comunicá-lo. Por isto seu ofício existia e por esta razão ele foi escolhido. Mas os sacerdotes profanos falharam em tudo, seus caminhos perversos. Cf. Deu. 33.10, que fala dos sacerdotes como professores da lei.

"Este versículo figura entre as mais nobres declarações das funções do sacerdócio no Antigo Testamento; fala da dignidade do ofício, bem como de ser o sacerdote o mensageiro de Yahweh, o Senhor dos Exércitos" (Robert C. Dentan, *in loc.*).

Parte da esperança de Malaquias era a antecipação do aprimoramento dos sacerdotes, para se tornarem colunas no sistema de Yahweh na Nova era, no dia escatológico. Mas aqueles homens profanos arruinaram todas as esperanças, deslizando para um ofício profissional descuidado que pouco servia aos propósitos divinos. Eram *anjos* (mensageiros) de Deus e de Sua Luz, mas tornaram-se agentes da escuridão. Perverteram o conhecimento da lei, transformando o positivo em negativo, e o negativo em positivo. Cf. Lev. 10.10,11; Deu. 24.8; Jer. 18.18. Eles deveriam ser *mensageiros* que interpretassem corretamente a mensagem dada (Ageu 1.13), *embaixadores* de Yahweh (II Cor. 5.20) e *pastores* das congregações (Apo. 2.1), mas falharam em cada faceta do ministério.

2.8

Mas... violastes a aliança de Levi. Os sacerdotes profanos do tempo de Malaquias eram contra-exemplos, anulando o ideal do sacerdócio, contradizendo tudo o que a lei ordenara. O povo, já cheio de perversidades, correu atrás dos contra-exemplos, corrompendo-se ainda mais. O ofício do sacerdócio tornou-se um contra-ofício que semeava maldades e produzia o *caos*. Corrompeu o pacto que Yahweh havia feito com a tribo de Levi, quando ela se tornou a casta sagrada. Os guias eram cegos e dirigiram um povo cego para o abismo. Ver I Sam. 2.17; Jer. 18.15; Mat. 18.6; Luc. 17.1.

2.9

Eu vos fiz desprezíveis e indignos diante de todo o povo, visto que não guardastes os meus caminhos. Os desgraçados foram desgraçados. Além de todas as infrações pesadas, eles acrescentaram a perversão de seu ofício como *juízes* do povo, aceitando subornos, pisando os pobres e fracos, favorecendo os ricos e poderosos, dando e aceitando julgamentos falsos nas cortes, apoiando as *causas dos injustos, ignorando as causas justas*, aprovando os maldosos e perseguindo os justos. Ver a autoridade dos sacerdotes *como juízes*, em Deu. 17.8-13. Cf. a declaração de Jesus, em Mat. 23.2. Os sacerdotes eram representantes de Moisés, mas contrariaram tudo que o Legislador havia falado. Ver Lev. 19.15, que proíbe tais ações e atividades nefandas. Cf. Miq. 3.11 e Mat. 23.1-36, onde se encontram condenações semelhantes.

2.10a

Não temos nós todos o mesmo Pai? Os judeus, "filhos de Deus" e *irmãos* uns dos outros, não respeitaram os laços de família. O ofício do sacerdócio foi criado para beneficiar toda a família, não para destruí-la. O Criador-Pai dignifica os homens e suas obras, mas aqueles maldosos, praticando perversidades que prejudicavam o povo, anularam a intenção divina. Todos os homens, como filhos de Deus, são dignos da consideração dos poderosos; de fato, eles têm poder para *servir* aos outros, não para servir a si mesmos. Mas este princípio se perdeu no caos do tempo de Malaquias.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paternidade de Deus*. Os ministros devem servir como *irmãos* de todos, sendo responsáveis perante o *Pai-Criador-Deus*. Ele é o Doador da própria vida, completada com Seu corolário de bênçãos constantes. Os profanadores do pacto prejudicaram toda a família divina. É difícil "pecar sozinho". Quase todas as infrações afetam outras pessoas, como a vida nos ensina constantemente.

A Degradação do Casamento (2.10b -16)

O vs. 10 encerra a seção anterior e abre esta nova. O assunto é o *casamento ilegal*, segundo o entendimento da legislação mosaica. O pano de fundo do argumento é que todos os *judeus* são filhos do Único Deus-Pai, portanto há uma *família divina* que se faz exclusivamente dessa raça. Em outras palavras, a Paternidade de Deus, na visão de Malaquias, se limitava aos judeus. Obviamente, esta visão é "baixa", míope e exclusivista, mas é a do Antigo Testamento. O Novo Testamento trouxe melhores conceitos. Na igreja, a atitude exclusivista foi incorporada (II Cor. 6.14 ss.): "judeus somente" tornou-se "crentes casam-se somente com crentes", "católicos casam-se com católicos" etc.

De qualquer maneira, os "filhos de Deus" não se casam com os "filhos do diabo", isto é, os *estrangeiros* que trazem idolatrias e corrupções múltiplas para o seio da família. O *casamento restrito* tinha a intenção de preservar um *judaísmo puro em raça e religião*, segundo as exigências de Moisés (Deu. 4.4-8).

As três perguntas do vs. 10 esperam respostas positivas. Os judeus tinham um Pai Celestial. Seu Deus os tornou especial, uma nação distinta. Sendo esse o caso, como um *filho* pode violar a santidade dos pactos, sacrificando sua singularidade? Esta violação é expressa de diversas maneiras, inclusive no casamento misto (uma das infrações denunciadas no texto que se segue). O *Pacto Mosaico* (ver as notas na introdução a Êxo. 19) exigiu *obediência à lei e à singularidade de Israel como uma nação seleta entre as nações.*

"O fato de Deus ter criado Israel forma o pano de fundo dos problemas que o profeta discutirá em seguida" (Craig A. Blaising, *in loc.*).

2.11

O remanescente que voltou do *cativeiro babilônico* (ver no *Dicionário)* caiu no erro crasso de misturar-se aos pagãos, praticando *casamentos mistos* que poderiam anular o povo distinto tão efetivamente quanto o exílio do povo num país estrangeiro. Casar com um pagão equivalia a casar com um ídolo, porque tais casamentos logo trariam a idolatria com suas corrupções sem-fim.

À primeira pergunta, "Não temos nós todos o mesmo Pai?" (vs. 10), a resposta positiva exigia uma vida de separação dos filhos do diabo que semearam confusão

na comunidade santa. Israel quebrou sua fé e seu pacto com Yahweh, correndo para a prática de abominações e profanando o santuário (templo) e a família. As exigências da lei se relacionavam a singularidade, santidade e separação. Cf. Deu. 7.6; 14.2; Esd. 9.1,2; 10.2; Nee. 13.23. Ver proibições contra casamentos mistos, em Êxo. 34.11-16; Deu. 7.3-4 e Jos. 23.12-13. Salomão, para sua eterna vergonha, tornou-se o *próprio padrão* daqueles que praticam esta infração. Ver I Reis 11.3 ss.

Quanto à segunda pergunta, "Não nos criou o mesmo Deus?" (vs. 10), o Único Criador do povo distinto não permitia a poluição de Seu povo.

E, sobre a terceira pergunta, "Por que seremos desleais uns para com os outros...?" (vs. 10), o filho deve observar a santidade dos pactos que o separou das demais nações.

Características dos Desviados. Eles eram desleais, abomináveis, profanos, profanadores do templo e do culto a Yahweh; casaram-se com idólatras e praticaram suas abominações.

2.12

O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal... O homem que se casasse com uma mulher pagã seria excomungado, o que significava uma ação judicial e uma provável ação divina, que tiraria a vida do infrator com uma doença ou acidente, provocando sua morte prematura.

Seja quem for. Esta tradução é de um hebraico obscuro que perturba os intérpretes. A RSV traz "qualquer testemunha ou resposta"; outras versões dão: "mestre e aluno". Devemos ficar com a versão portuguesa que traz uma explicação hipotética tão possível como qualquer outra: "Mestre e aluno" significariam "aqueles que ensinam a lei e aqueles que recebem os ensinamentos", ou seja *qualquer* pessoa, de qualquer categoria, seria eliminada se desobedecesse à legislação contra casamentos mistos. Não haveria exceções; as punições seriam severas para todos os infratores.

2.13-14

O hebraico do vs. 13 é *ambíguo*, projetando um significado incerto. As traduções representam tentativas de decifrar o significado. O povo chorou e gemeu, porque o Senhor não aceitou suas ofertas? Mas eles haviam exibido falsa dedicação e entusiasmo forçado. Mostraram-se zelosos no templo, mas eram maldosos em casa, maltratando suas esposas e substituindo-as por mulheres pagãs (vs. 14). Yahweh condenou divórcios frívolos e novos casamentos corruptos. As mulheres ofendidas corriam para o templo a fim de pedir ajuda a um sacerdote, mas o próprio sacerdote praticava as mesmas coisas, contrariamente à lei de Moisés.

O Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade. O Senhor ficou ao lado das mulheres judias ofendidas. Provavelmente, o texto é suficientemente amplo para incluir divórcios de mulheres judias, com casamentos subseqüentes com outras judias. A troca era de uma "velha" por uma "jovem", o que os homens acham glorioso.

Os homens fizeram contratos de casamento com suas mulheres quando elas eram jovens, mas, quando elas envelheciam, não atraíam mais os maridos. A poligamia (que sempre fez parte da sociedade judaica) era uma válvula de escape. O homem podia casar com uma ou mais jovens, sem jogar a "velha" esposa na rua. Aqueles perversos eram "jogadores de velhas". O próprio Yahweh tornou-se testemunha contra tais homens frívolos. Tempos difíceis chegarão, e doenças também. Ver Gên. 31.49,50.

Aliança. Talvez a palavra "aliança" (pacto) aqui deva ser entendida de maneira *dupla:* o *pacto Mosaico* que regulava casamentos; o *pacto do casamento,* que exigia um tratamento decente para com a mulher que envelhecera e não mais podia competir com as jovens. Cf. Eze. 16.8 e Pro. 2.17.

2.15

Este é um dos mais obscuros versículos de todo o Antigo Testamento, e qualquer tradução é mera conjectura. A NCV dá um sentido bonito, mas não necessariamente correto: "O Senhor os fez um, na carne e no espírito são dele. Porque ele estava procurando uma descendência piedosa". A Atualizada traz: "Ninguém com um pouco de bom senso o faria. Mas o que fez um patriarca? Buscava a descendência prometida por Deus. Portanto, cuidai de vós mesmos, e que ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade". Estas duas traduções, tão diferentes, são suficientes para mostrar como o versículo, no hebraico, provoca hipóteses e não traduções. Os eruditos "desmaiam" à frente do hebraico aqui, e seria uma tolice multiplicar conjecturas.

"A idéia principal parece ser a de que o propósito do casamento é fortificar o povo escolhido por Deus, pela descendência que resultará dos casamentos (que preservará as tradições antigas), propósito derrubado quando as esposas e mães de Israel são filhas de deuses estrangeiros (vs. 11)" (Robert C. Dentan, *in loc.*).

2.16

Porque o Senhor Deus de Israel diz que odeia o repúdio; e também aquele que cobre de violência as suas vestes. *Yahweh-Elohim* expressa Seu ódio pelo divórcio. No entanto algumas pessoas se envolveram nele tão trivialmente, como se trocassem de roupa. Um divórcio indevido é um ato de violência. O homem que se divorcia frivolamente se veste em roupas de violência e perpetua grande injustiça. Ou, talvez, o significado seja o de que ele cobre a mulher divorciada com as roupas da violência. A vestimenta pode significar a *própria esposa,* e o homem que "arranca a primeira roupa" para "vestir-se com outra" machuca violentamente aquela que foi desprezada. Alguns intérpretes vêem aqui a idéia de que o homem "cobre seu ato de violência com o fingimento de estar agindo bem". O divórcio, fala o profeta, é "negócio sério", portanto, cuidado! "... não quebre a fé" (NCV); "não aja de maneira traidora" (KJV).

Onde Está o Deus da Justiça? (2.17 - 3.5)

2.17

Uma das razões pelas quais o povo permanecia em iniqüidade constante foi sua amargura contra Deus, culpando-o como a suposta fonte de suas calamidades e infortúnios. Sua religião era cada vez mais sofisticada, refinada com raciocínio mais agudo, combinada ao ceticismo, que se tornou uma ameaça aos conceitos mais simples da velha religião de Moisés. Injustiças pareciam indicar que, se há um Deus, ele está "lá em cima", pouco interessado nas atividades humanas. Em outras palavras, eles tinham desenvolvido um tipo de *Deísmo,* abandonando o *Teísmo* de outrora. Ver sobre os dois termos no *Dicionário.* O *Teísmo* ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas intervém, castigando os maus e abençoando os bons. Contrariamente, o *Deísmo* ensina que a Força Criadora, pessoal ou impessoal, abandonou a criação às mãos da leis naturais. É possível que eles até pensassem que Deus não era totalmente bom, igualando-se aos homens, numa combinação de bem e mal e, às vezes, Ele era a própria *causa* da maldade. Este "deus frívolo" abençoaria os maus e castiga os bons, se isto estivesse de acordo com Sua vontade vacilante. Talvez Deus seja um *deus voluntarista* que age segundo uma vontade irracional, ignorando qualquer moralidade, de acordo com o critério dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Voluntarismo.*

O Problema do Mal. O texto entra neste problema, que está anotado no *Dicionário.* Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Parece que Deus abençoa os maldosos, porque eles prosperam, enquanto os bons sofrem catástrofes. Uma vontade perversa parece ser a *causa* do sofrimento humano. "Onde está o Deus do juízo?", pergunta-se, porque as coisas vão muito mal na terra. O pecador prospera (Sal. 73.3-12); a *justiça* parece *inútil* (Mal. 3.14; Eclesiastes 9.13-15); *Deus* parece *indiferente* (Sal. 10.1,28; 59.4; 82.1; 143.7). "Muitos trechos da literatura judaica posterior procuram reconciliar a velha doutrina da justiça de Deus com as desigualdades tão óbvias nesta vida (Eclesiastes 9.2-3; Sal. 37; 73; Hab. 1.13)" (Robert C. Dentan, *in loc.*). O livro de Jó trata detalhadamente desse tipo de problema. Israel, no tempo de Malaquias, "cansou" Yahweh, perguntando-Lhe a respeito destes problemas. Os homens continuam procurando respostas.

CapítuloTrês

Não há interrupção entre os capítulos 2 e 3. Continuamos com a argumentação que concluiu o capítulo 2.

3.1

Eis que eu envio o meu mensageiro. *Uma resposta* para o problema do mal é: embora existam injustiças gritantes, logo tais coisas serão anuladas, quando o *mensageiro especial* de Deus vier, para julgar este mundo ímpio. A promessa é escatológica e messiânica.

Interpretações sobre o Mensageiro. a) É um *anjo* do Senhor (Gên. 16.7; 22.11; Êxo. 3.2; Isa. 63.9). b) É *Elias* (Mal. 4.5-6), ou João Batista, que vem para ampliar e cumprir a missão de Elias numa época diferente. Jesus forneceu essa interpretação do texto em Mat. 11.7-10. Talvez Elias, *reencarnado,* seja a idéia, isto é, a mesma entidade cumprindo duas missões em épocas diferentes. c) É uma *pessoa divina* indefinida. d) O próprio *Yahweh* é o mensageiro divino que endireitará tudo. e) Alguns intérpretes vêem o *Messias* aqui, como operador real e aplicador das missões de Elias e João Batista.

Os vss. 2-3 parecem ir além do que poderíamos falar do homem. O Messias Divino trará justiça, afinal. Humilhará os arrogantes e exaltará os justos. Nessas ações, a justiça do governo de Deus será vindicada, embora, por enquanto, ela demore, segundo os padrões de homens impacientes.

Embora os moinhos de Deus moam devagar,
Moem com extrema precisão.
Embora com paciência ele demore,
Com exatidão mói tudo.

(Henry Wadsworth Longfellow)

O argumento antecipa a doutrina da imortalidade da alma. Kant desenvolveu um *argumento moral* em favor da existência e sobrevivência da alma e da existência de Deus. baseado neste tipo de raciocínio. O argumento afiança que, neste mundo, obviamente a justiça não é feita. Portanto, devemos postular que a alma humana existe e sobreviverá à morte biológica, para receber o que merece, afinal, no outro lado. Também devemos postular que há um Poder suficiente para efetuar o julgamento, com a devida recompensa dos bons e castigo dos maus. Este Poder se chama *Deus*. Se não postularmos estas realidades, cairemos no caos. Então, é preciso escolher entre *Deus* e o *Caos*.

O Anjo da aliança. Somente aqui, em toda a Bíblia, encontramos esta expressão que torna claro que o Messias cumprirá os antigos pactos de Israel, acrescentando o *Novo Pacto*. "O mensageiro, identificado aqui como o Senhor, só pode ser o Filho de Deus, que se encarnou. A palavra *pacto* talvez inclua o Novo Pacto de Jer. 31.31, mas o significado não pode ser limitado a isto" (Ellicott, *in loc.*).

"Sua descrença não anulará minha realização do *pacto* que efetuará aquilo que vocês não têm cumprido" (Fausset, *in loc.*). Assim, o profeta acrescentou uma *dimensão divina* à explicação do *Problema do Mal* (ver no *Dicionário*). Uma intervenção divina resolverá, afinal, o problema do sofrimento e da injustiça.

3.2

Quem pode suportar o dia da sua vinda? e quem subsistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros. Este versículo e o seguinte demonstram que devemos incluir, na profecia do texto, o *Segundo Advento* do Messias, *para julgar* não meramente o *Primeiro Advento* anunciado por João Batista. O Messias veio como Messias-Salvador, e também virá como *Messias-Juiz*. Seu julgamento será severo e violento, e quem poderá suportá-lo? "O dia do Senhor será um dia de julgamento sobre o mundo inteiro, um dia de desastre e morte (Isa. 2.12; Joel 3.11-16; Amós 5.18-21; Zac. 1.14-18). Mais tarde o profeta falará desse dia como o que queimará totalmente todos os ímpios (Mal. 4.1)" (Craig A. Blaising, *in loc.*).

Ele vem como Salvador e Juiz, mas devemos lembrar que Seus julgamentos são restauradores, não meramente retributivos. Redenção e restauração são realizações dos julgamentos de Deus. Ver *Restauração*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O fogo queimará e destruirá, mas também purificará para salvar. O sabão áspero do lavandeiro queima e dói, mas também purifica. O vs. 3 continua descrevendo a idéia. Sendo removia a escória do metal, o novo dia chegará; brilhará a luz do dia perfeito. A operação será *efetiva* como o texto afirma. Cf. Isa. 1.25; Jer. 6.29-30; Eze. 22.17-22; Zac. 13.8-9.

O julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. Quando Deus julga, expressa Seu amor, porque o julgamento opera o propósito da restauração.

3.3

Este versículo repete o anterior, com a adição de que a tribo de Levi, que se tornou uma casta sacerdotal, será o primeiro objeto da purificação quando o Messias-Mensageiro vier ao Seu templo. A *prata* agora torna-se o objeto da purificação. A casta sacerdotal será como prata purificada *sete vezes* nas chamas do julgamento do Refinador. Ver Sal. 12.6.

A casta sacerdotal será como *ouro fino*, purificado e precioso. O julgamento deve começar na casa do Senhor (Jer. 25.29; Eze. 9.6; I Ped. 4.17). Ele remove de Seus santos toda a escória, e, quando o trabalho terminar, eles sairão do forno purificados e restaurados. O trabalho divino não pode falhar e é sempre benéfico. Cf. Rom. 8.29; Jó 23.10; Sal. 66.10; Pro. 17.3; Isa. 48.10; Heb. 12.10.

3.4

A casta sacerdotal, purificada, parará de oferecer sacrifícios defeituosos (Mal. 1.12,13), transformando-se em uma companhia espiritual à altura de suas responsabilidades. Os sacerdotes cumprirão suas missões com perfeição para o benefício de todos. Yahweh ficará contente e aceitará seu serviço. Haverá acesso a Deus por seu ministério. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Acesso*. Os abusos de Mal. 1.6-2.9, tão graves e variados, serão eliminados. A época áurea voltará para Jerusalém quando a luz do dia perfeito brilhar. Haverá mudança no coração (Mal. 2.6; Pro. 4.23) e as ofertas tornar-se-ão aceitáveis. Cf. Mal. 2.12-13. Haverá sacrifício de louvor e vida dedicada; a sinceridade substituirá o profissionalismo cético. Ver Rom. 12.1; Heb. 13,15,16 e I Ped. 2.5. O próprio Deus se aproximará de Seu povo (cf. 2.17, e ver Heb. 11.4,5,6).

3.5

Chegar-me-ei a vós outros para juízo. Este versículo lista uma série de pecados representativos da casta sacerdotal, tão comuns nessa comunidade, todos terríveis e condenáveis. Por causa de tais atividades, o julgamento deve cair; o dia da retaliação não está longe. Os sacerdotes estão na corte divina como réus, e Yahweh é o Juiz que sabe de tudo e não deixará nada deslizar. A luz do dia divino iluminará a cena inteira. O Juiz é também a testemunha principal e trará evidências esmagadoras contra a casta. O julgamento será conforme a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

A lista de pecados alerta para o fato de que o julgamento será contra *toda a nação*, porque não havia um único homem inocente no país. Cf. Eze. 20.34-38. Yahweh parecia indiferente e distante de Seu povo (Mal. 2.17), como eles afirmaram, mas, agora, Ele se aproxima com Sua espada terrível. Perguntaram "Onde está o Deus do juízo?" e receberam a resposta: "Está na casa de Israel para purificá-la". Os feiticeiros, adúlteros e pecadores de todo o tipo, culpados de perversidades, não escaparão. O julgamento não deixará escapar os que juraram falsamente, nem os que defraudaram o salário do jornaleiro, nem os que abusaram dos direitos dos estrangeiros. Os que não temeram ao Senhor terão pesadas razões para sentir terror quando chegar o dia da vingança. Ver no *Dicionário* o artigo denominado. Este termo freqüentemente significa *espiritualidade* como entendida no Antigo Testamento: respeito ao divino e obediência à lei mosaica, com coração sincero, inspirado pelo Espírito. Outras vezes, como aqui, está em vista o temor literal, não meramente a expressão de uma fé sincera.

Referências contra feitiçaria (Êxo. 22.18), adultério (Êxo. 20.14; Lev. 20.10), juramentos falsos (Lev. 19.12), defraudação e injustiças sociais (Lev. 19.33), abuso de viúvas e órfãos (Êxo. 22.22-24), abuso de estrangeiros (Deu. 24.17; 27.29). Cf. Zac. 7.9,10 e 8.16,17. A lei era o *guia* do povo (Deu. 6.4 ss.), determinando as características da espiritualidade como entendida no Antigo Testamento. Mas o auto-interesse se tornou o guia da vida daquela casta sacerdotal. O julgamento mudaria tudo.

Os Pecados do Povo (3.6-12)

"Se o povo voltar para Deus, com uma medida completa de devoção, Ele os abençoará. Cf. Núm. 23.19; Heb. 13.8; Tia. 1.17" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 6).

A diatribe contra os pecados, que debilitam e convidam o Juiz para aplicar Seu remédio, continua. Os pecados do povo eram muitos e pesados, e uma justiça nua e crua (sem a moderação do amor) aniquilaria aquele povo, instantaneamente. Mas a misericórdia de Deus não aplicou o golpe por muito tempo, esperando uma melhora que nunca chegou.

3.6

Eu, o Senhor, não mudo. Yahweh, provocado até ao limite, não se torna menos misericordioso. Seu amor continua brilhando e Suas misericórdias são sempre fortes e por isso os homens não são consumidos (Lam. 3.22).

Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e
longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te
conduz ao arrependimento?

(Romanos 2.4)

Este versículo também garante que o julgamento, além de demorado, será moderado para não destruir Israel completamente. O *Pacto Abraâmico* não poderá ser quebrado; a nação ainda terá um destino brilhante, na luz do dia perfeito. "Foi por causa dos pactos antigos que Israel não foi destruído" (Adam Clarke, *in loc.*). O Targum diz: "... porque não modifiquei minha aliança". Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Pactos*.

3.7

... vos desviastes dos meus estatutos. A idolatria-adultério-apostasia começou cedo na história de Israel e persistiu por longo tempo. Na geração de Malaquias, aquele povo se tornou perito em pecar e debochar, imitando as corrupções antigas da nação, misturando múltiplos pecados pagãos. Há muito a lei de Moisés tinha deixado de ser o guia. Eles nunca pararam de imitar homens impiedosos, flertando com a morte. Portanto, eram necessários o arrependimento decisivo e a volta para Yahweh. Voltando, Yahweh os veria e correria para encontrá-los no caminho, substituindo Seus julgamentos por bênçãos abundantes. Israel podia reverter o andar na morte e correr para Yahweh a fim de receber vida. Cf. Êxo. 32.9 e Zac. 1.3. O povo quis saber "como voltar". A resposta foi : "Abandone seus pecados e caminhos ímpios". Havia necessidade urgente de uma reforma moral e espiritual. Cf. Mal. 1.7; 2.17; 3.8,13. O povo precisava desenvolver *sensibilidade* à natureza mortífera do pecado (ver Mat. 3.3).

3.8

Roubará o homem a Deus? O pecado que encabeça a lista é seu *roubo* a Deus. Eles roubaram a Deus, não trazendo as ofertas exigidas pela lei de Moisés, substituindo-as por animais defeituosos; também não trouxeram as ofertas necessárias para o sustento do ministério e do culto no templo. Foram ladrões das coisas divinas, um crime agravado. Fizeram ampla provisão para si mesmos, mas esqueceram a parte espiritual. Sua apostasia era uma situação de "tudo para mim". "Falando asperamente, Israel foi acusado de ser *ladrão*. Roubar o povo (como nos abusos comerciais) era uma infração pesada; somente um tolo tentaria roubar Deus, mas eles não hesitaram em fazer exatamente isso (Craig A. Blaising, *in loc.*). Aben Ezra relata que eles "tinham um olho maldoso", procurando riquezas e prazeres como alvos da vida, um bando de hedonistas. Servindo a si mesmos, esqueceram o culto a Yahweh. Negligenciaram a fé, ocupados em autoglorificação (cf. Mat. 22.21). O *dízimo* era o mecanismo para sustentar os levitas (Lev. 27.30-31), mas essa obrigação caiu em desuso. Havia *outro dízimo* em favor dos levitas e suas famílias, para suas refeições no templo (ver Deu. 12.18, para a natureza destas ofertas extras). Havia *ofertas especiais* para os pobres (Deu. 14.28,29) e também *primícias* (ver no *Dicionário*). Ver também Deu. 18.4, para detalhes sobre o assunto. Confessadamente, o peso dos "impostos" era grande, mas carregar "aquele peso" era parte importante da espiritualidade do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dízimo*.

3.9

Porque a mim me roubais, vós, a nação toda. A nação inteira tinha roubado de Deus Sua porção das riquezas do país. Não havia desculpa, porque a lei de Moisés havia dado instruções precisas sobre as obrigações. Uma maldição cairia sobre os infratores, porque eles se tornaram culpados de crimes religiosos. Os versículos que se seguem descrevem a natureza da maldição: as ceifas falarão; haverá pragas, seca e diversos outros tipos de punições. Yahweh abrirá o arsenal de armas dos céus contra aqueles rebeldes, que sofrerão guerra santa. Ver Deu. 28.38-40 e cf. Mal. 2.2 e 3.11. É *negócio ruim* reter todo o dinheiro e recursos para si próprio, enquanto há necessitados por aí. A generosidade faz o dinheiro fluir para todos. "Nenhum homem jamais perdeu coisa alguma servindo a Deus com todo o coração, e nenhum homem ganhou nada servindo a si mesmo com todo o coração" (Fausset, *in loc.*).

3.10

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro... e provai-me nisto. Dar abundantemente garante receber abundantemente. Os dízimos e as ofertas deveriam ser dados. Deus encoraja a generosidade, prometendo que o homem generoso verá as bênçãos de Deus caindo dos céus em abundância; haverá chuvas de bênçãos (Eze. 34.26).

Assim, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário)* será comprida. Cf. Gál. 6.7,8. Existem leis espirituais, entre as quais a que governa a generosidade. Ver no *Dicionário* os artigos *Liberalidade*, *Generosidade* e *Amor*, que é a inspiração da generosidade. Se o homem paga seus débitos a Deus, o Poder do Alto cuida dele na hora de necessidade. Ó Senhor, concede-nos tal graça! Os pactos de Yahweh eram intenções divinas de doar abundantemente a Seu povo. Como já se disse: "Não se pode dar mais do que Deus".

Casa do tesouro. Havia salas especiais no templo para armazenar os dízimos de grãos e as primícias (ver I Reis 7.51; Nee. 10.38; 13.12). Mas o homem generoso receberá tanto, que não terá espaço para armazenar tudo o que obtiver das mãos de Deus.

> *Deus pode fazer-nos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

O homem deve testar esta lei espiritual, esquecendo seus receios de perda, e verá que a lei é válida e operacional.

3.11

A vossa vide no campo não será estéril. Muitas coisas podem devorar a substância de um homem, caso ele não esteja andando de acordo com os princípios espirituais, inclusive aquele que governa o "dar e receber". Mas Deus é capaz de cobrir efetivamente todos os devoradores. Israel era uma sociedade agrícola, e os devoradores de ceifas (pragas, seca etc.) eram ameaças constantes. *Yahweh-Sabaote* (o Senhor dos Exércitos) pronunciou em favor dos generosos, pois tinha o poder de fazer a nação prosperar, *caso* ela obedecesse às regras do jogo. Os atos morais dos homens controlam sua prosperidade. A carteira do homem justo nunca ficará vazia, porque Deus sabe como enchê-la e, de fato, abundantemente. Mas o homem ganancioso, mesquinho, encontrará sua carteira vazia.

Diz o Senhor dos Exércitos. *Yahweh-Sabaote*, título divino que ocorre 24 vezes neste livro, enfatizando o poder do General dos Exércitos, que faz o que quer nesta terra. Ver notas sobre o título em Mal. 1.4.

3.12

Todas as nações vos chamarão de felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa. Quando as bênçãos de Deus inundam um homem, outras pessoas observam e se maravilham, cobiçosas, esquecendo que foi a *generosidade* divina que trouxe aquele dilúvio de bênçãos. Como diz um hino: "Não há segredo no que Deus pode fazer". O povo dirá: "Como os gafanhotos não atacaram as terras dele, enquanto devoraram os grãos das demais?". Aprenderão que o povo próspero é aquele que obedece às leis divinas. O General dos Exércitos intervém, proporcionando recursos sem-fim. O *teísmo bíblico* ensina que o Criador não abandonou sua criação, mas está presente, para intervir, castigar os maus e abençoar os justos e generosos.

Cf. Zac. 7.14; 8.13-24; Isa. 62.4; Dan. 9.16. O Targum traz: "... todas as nações louvarão, porque habita na terra do Shekinah".

Que Utilidade Tem o Serviço a Yahweh? (3.13 – 4.3)

3.13-14

Inútil é servir a Deus. Por que servir a Deus? O que o homem ganha? O povo iníquo pronunciou palavras duras contra Yahweh, declarando não ter ganho nada, servindo-O. Cínicos audaciosos até escarneceram da religião. O coração deles era duro como suas palavras. Eram "o povo do coração duro" (Deu. 15.7; Pro. 28.14) e da cerviz dura (Êxo. 32.9; Deu. 9.6); eram arrogantes e perversos, como o demonstrou sua linguagem tola (Pro. 4.24; 6.12; 8.13; 21.23). Ver no *Dicionário* sobre *Linguagem, Uso Apropriado da*.

Entre as coisas duras que eles falaram, estava o absurdo de que é inútil servir a Deus. Talvez eles retivessem a *crença* em Deus, mas agissem como *ateus práticos*, dirigindo sua vida segundo desejos iníquos. Cf. Sal. 14.1; 42.3; e 73.11.

Eles conduziram sua vida como se Deus não existisse, tornando-se pequenos deuses mortais, procurando satisfação em coisas vãs. Sua adoração, caso a tivessem, era oca; seu serviço, vazio; sua espiritualidade, inútil, não produzindo resultado notável. Foram infiéis, mas quiseram a recompensa devida aos fiéis; foram pecadores, mas quiseram os benefícios próprios dos justos. O *ateísmo prático* e teorético quase sempre resulta do *Problema do Mal*, isto é, do *sofrimento humano* que não tem uma explicação muito boa. Ver este título no *Dicionário*, para uma discussão detalhada. Sofrimentos endurecem o coração, pervertem a mente, cansam o espírito e destroem a esperança. De fato, as provações freqüentemente anulam a fé de muitos. O que vale a fé religiosa se não funciona, se não dá resultados positivos? Os místicos falam piedosamente do amor puro a Deus, sem exigir nada de volta, mas o homem em geral não entende nada desse tipo de expressão espiritual. O homem comum de Judá quis curas de doenças, segurança contra os ataques de exércitos estrangeiros, dinheiro suficiente para viver razoavelmente bem, uma medida decente de prazeres, crianças saudáveis, liberdade de opressões e vida longa, escapando da desgraça de uma morte prematura.

Andar de luto diante do Senhor. Eles se queixaram que até o arrependimento não havia trazido nenhuma mudança de fortuna, como os profetas tinham prometido.

3.15

Nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, **sim, eles tentam ao Senhor, e escapam.** As pessoas que prosperavam eram justamente as maldosas, que rejeitaram o teísmo dos profetas e fizeram de si mesmos pequenos deuses. Os homens que abusaram de seus vizinhos recolheram muitos benefícios; os que declararam que a religião é somente um refúgio para mentes fracas conseguiram tudo o que quiseram, deixando os religiosos na miséria. Os orgulhosos foram felizes, mas os humildes ficaram desolados.

Assim, os humildes poderiam falar: "Onde está o Deus do juízo?" (Mal. 2.17). As promessas dos profetas, de que "algum dia as coisas mudariam em favor dos justos", ficaram vazias na presença de tanto sofrimento e injustiça.

Os homens ímpios continuam seu deboche, ouvindo dizer que Deus os golpeará, mas nunca recebem golpe nenhum. Estavam arriscando-se com Deus e escapando de toda a conseqüência adversa. Eles desafiaram o próprio Deus e ganharam! Deus, para eles, era *indiferente*, não prestando atenção às atividades humanas (ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4). Ou Deus é, de fato, o Deus do *Deísmo* (ver

a respeito no *Dicionário*), que, depois de criar o universo, o abandonou aos cuidados das leis naturais.

3.16

Os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia. Em contraste com aqueles reprovados, alguns poucos genuinamente piedosos escaparam da armadilha do ateísmo prático. Os ouvidos do Senhor estavam abertos aos pedidos dos justos que seriam enriquecidos espiritual e materialmente.

Havia um memorial escrito diante dele. Este *livro de lembranças* provavelmente não se refere a uma recompensa além do sepulcro, mas era uma fonte de esperanças dos judeus e, num dia posterior, tornou-se uma expectativa de imortalidade. Os ímpios serão julgados e os justos serão recompensados, afinal. No cristianismo, o apelo à imortalidade, com seus julgamentos e glorificação, é fundamental para aliviar o desespero do *Problema do Mal* (ver no *Dicionário*). Mesmo assim, é difícil entender por que, aqui e agora, os sofrimentos são tão grandes e aparentemente irracionais. Ver o *argumento moral* de Kant, para comprovar a existência da alma humana e a sobrevivência à morte biológica, que tem aplicação no presente versículo, nas notas sobre o vs. 1.

O rolo de lembrança significa que há um registro permanente das ações dos justos, que nunca serão esquecidas. A promessa traz conforto aos oprimidos: haverá uma ocasião em que a luz do dia perfeito brilhará. Ver *Alma*, no *Dicionário*, e *Imortalidade*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, onde são apresentados diversos artigos. Ver também *Livro da Vida*, conceito semelhante a "um memorial escrito".

Características dos Justos. Eles retiveram as esperanças quando não havia muita razão para esperar. Conservaram a fé quando o raciocínio frio podia tê-la destruído.

Mantiveram a espiritualidade, o "temor ao Senhor", quando outros abandonaram toda a lealdade a Yahweh. Ver sobre *Temor*, no *Dicionário*, e anotações adicionais, em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Eles agiram como uma comunidade para apoio mútuo, trocando idéias, confortando e aconselhando uns aos outros.

Guardaram a visão da glória do Senhor ante seus olhos; respeitaram o Nome de Yahweh, não deslizando para o ateísmo prático. Ver sobre *Nome*, no *Dicionário*, e em Sal. 31.3. Ver sobre *Nome Santo*, em Sal. 30.4 e 33.21.

3.17

Eles serão para mim particular tesouro. Porque têm as suas obras escritas no livro de lembranças de Yahweh, os justos serão, afinal, a *possessão especial* do Senhor; serão o *tesouro* do Senhor, como fala a Atualizada. Isto acontecerá no *dia escatológico*, quando o Reino do Messias for estabelecido. Yahweh será o Pai, e eles, Seus filhos diletos. Como o pai mostra misericórdia para com seu filho, os justos receberão a misericórdia do Senhor e serão eternamente beneficiados. Para o conceito de *possessão especial* de Yahweh, ver Êxo. 19.5 e Sal. 103.17,18. A resposta dada por Yahweh aos piedosos é praticamente a mesma vista em Mal. 2.17-3.6. É a *resposta escatológica*, que Deus dará afinal. Ela alivia, pelo menos em parte, o *Problema do Mal*. Os justos serão recebidos como *filhos* (Mal. 1.6 e 2.10). Ver sobre *Paternidade de Deus*, no *Dicionário*.

3.18

Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso. A indiferença aparente de Deus desaparecerá, e ficará claro que não é em vão que se serve ao Senhor (Mal. 3.14). E ninguém poderá perguntar: "Onde está o Deus do juízo?" (Mal. 2.17). Haverá aguda distinção entre os bons e os maus, os que desprezaram o serviço sagrado e os que não agiram assim. O mal será castigado decisivamente, e o bom receberá a devida recompensa. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* dará a última palavra. Ver este título no *Dicionário*. Com estas afirmações, o autor procura encorajar os piedosos a continuar no caminho de retidão, e adverte os ímpios que seus dias estão contados. Pense-se na distinção que Deus fez entre Israel e o Egito, na questão da escuridão miraculosa (Êxo. 10.23). Esse incidente ilustra bem o presente versículo.

"Naquele dia, se não antes, será revelado quem foram os verdadeiros sábios e quem foram os tolos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Quatro

Não há interrupção entre os capítulos 3 e 4, sendo que a seção começou em Mal. 3.13. Esta seção termina com um tipo de hino, um *Dies Irae*, descrição viva do dia do julgamento que virá. "Como tantos trechos do gênero, nos apocalipses posteriores (cf. Mat. 3.10-12), a chegada do dia da ira de Deus é descrita como um *fogo* todo-consumidor que aniquilará os ímpios agora aparentemente tão fortes. Eles serão consumidos como um punhado de palha" (Robert C. Dentan, *in loc.*). Cf. Mal. 3.2-5.

4.1

Pois eis que vem o dia, e arde como fornalha. *O julgamento de fogo* de Deus é como um forno. Mal. 3.2-5 enfatiza as propriedades de *refinação* deste fogo, mas aqui o tema é o poder *destrutivo*. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Forno*, para um tratamento completo, inclusive dos usos metafóricos dessa palavra. Cf. Isa. 66.15; Sof. 1.18 e 3.8. O julgamento será severo e completo, consumindo tudo como se fosse restolho. A planta da maldade tornar-se-á cinzas, das raízes aos ramos mais altos.

O presente texto não tem nada que ver com o julgamento da alma no mundo além do sepulcro; não descreve o julgamento escatológico da terra. Ver minhas opiniões sobre a natureza do julgamento vindouro, no artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Todos os julgamentos de Deus são restauradores, não meramente retributivos. Ver as notas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado*. O amor de Deus escreverá o capítulo final da história humana. Deus não deixará os homens no meio da tempestade, uma vez que fizer seu trabalho de refinação. Ver *Restauração*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Cf. Oba. 18, e Mat. 3.2. Os pecadores arrogantes terão seu dia de ajuste de contas. *Yahweh-Sabaote*, o General dos Exércitos, usará Seu poder para garantir justiça, direcionado o destino dos homens e operando de acordo com a lei moral.

4.2

Para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas. Uma metáfora exaltada ilustra a bem-aventurança dos justos. Haverá cura divina para os que entrarem no Reino do Messias. O *Sol da Justiça* se levanta com asas poderosas e voa acima dos justos. Esta metáfora augusta deriva da fé egípcia, que se espalhou a outras religiões do Oriente Próximo. O disco do sol com asas se levanta acima do povo, trazendo vida, proteção e abundância. Os justos receberão a cura de todos os seus males e saúde perfeita para usufruir tudo o que os Poderes Divinos oferecem. Haverá realização de todas as esperanças; haverá alegria e triunfo com o fim das ansiedades e do sofrimento. O *Problema do Mal* terá solução definitiva. Ver as notas em Mal. 2.17, e o artigo com esse título, no *Dicionário*. O uso feito pelo profeta do disco solar com asas, o *Sol da Justiça* (nas suas mãos), aparece somente aqui, em toda a Bíblia. Seus significados principais são: 1. o Messias na Sua missão salvadora e restauradora; 2. o dia do Senhor que inaugura o Reino de Deus.

Asas. As *asas* provavelmente se referem aos *raios* solares, onde a vida é gerada, as doenças são curadas, e as almas são renovadas. Sem estes raios a vida é impossível. Haverá *alegria inefável e cheia de glória*. Ver Atos 8.8; 13.52; 20.24; Rom. 14.17; Gál. 5.22; Fil. 1.4 e I Ped. 1.8. "O sol da retidão de Deus simboliza saúde e vindicação (II Sam. 23.4; Sal. 84.11; Isa. 60.1)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 2).

Talvez a figura se refira ao sol como um pássaro gigante que monta sobre asas poderosas, voando alto no céu, enquanto seus raios cobrem a terra inteira, curando todas as suas habitações.

"Como o sol, que com seus raios de luz e calor revivifica, alegra e frutifica a criação inteira, espalhando luz e vida, pelo poder de Deus, em toda parte, assim Jesus Cristo, pela influência de Sua graça e Espírito, vivificará, iluminará, esquentará, vigorará, curará, purificará e refinará a alma de todos os que têm fé nele. Por suas *asas* ou *raios*, derramará bênçãos de um lado do céu para o outro" (Fausset, *in loc.*).

Saltareis como bezerros soltos na estrebaria. A metáfora exaltada do Sol agora cede a uma humilde ilustração de bezerros que têm bastante para comer e são libertados de seu confinamento em estábulos. Assim, podem vaguear nos campos, regozijando-se com a liberdade. Os bezerros, em todos os sentidos, recebem os cuidados carinhosos do fazendeiro. Cf. Amós 6.4; I Sam. 28.24. Temos aqui as promessas do Salmo 23, a satisfação de todas as nossas necessidades: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará".

"A alegria suprema dissipará as sombras da tristeza atual, e os abençoados, libertados de seus males, sairão de seus confinamentos mortais para experimentar a bênção poderosa de Deus. Cf. Isa. 65.17-25; Osé. 14.4-7; Amós 9.13-15; Sof. 3.19-20. "Agirá como bezerros liberados de todas as suas restrições" (Septuaginta). O bezerro, já bem alimentado, ganha a *liberdade*, a possessão mais preciosa que um homem pode ter.

4.3

Pisareis os perversos porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés. *A Metáfora da Destruição.* Do alto, descemos para baixo, onde encontramos condições opostas à do vs. 2. A aniquilação dos pecadores contrasta

com a bem-aventurança dos justos. Yahweh, independentemente, e através de Israel, pisará todos os Seus inimigos, reduzindo-os a pó. Isto acontecerá quando Deus demonstrar, de maneira viva e terrível, Sua justiça, ajustando as contas das eras. Yahweh-Sabaote (o General dos Exércitos) usará o seu poder ilimitado para determinar o destino dos ímpios. Seu *decreto* assim pronunciou, e assim será. Artefatos encontrados pela arqueologia mostram reis orientais pisando o pescoço de inimigos derrotados. Cf. Jos. 10.24. Os céticos tinham perguntado: "Onde está o Deus do juízo?" (Mal. 2.17). Os vss. 2-3 deste capítulo fornecem as respostas. Ele aparecerá para curar e beneficiar os justos, e para pisar seus inimigos, no julgamento dos últimos dias. A lei moral será a base do julgamento, e a lei da colheita segundo a semeadura será satisfeita (Gál. 6.7-8). Toda a vida humana será afetada, todas as nações e o próprio cosmos também. A pergunta cínica de Mal. 3.14. "O que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos?", será finalmente respondida. Cf. II Sam. 22.43; Sal. 47.3; Zac. 10.5; I Cor. 6.2; Apo. 2.26-27 e 19.14-15.

A Conclusão do Livro dos Doze (4.4-6)

A conclusão de Malaquias também conclui os *Profetas Menores* (ver no *Dicionário*), que os judeus chamaram de *Livro dos Doze*, preservados num único rolo. Ver as anotações informativas sob o título, *Ao Leitor*, imediatamente antes do início da exposição.

"Os vss. 4-6 contêm apêndices que trazem exortações adicionais para encorajar a obediência ao pacto, com seus muitos estatutos e ordenanças. Identificam também o *precursor*, o mensageiro de Mal. 3.1, afirmando que é Elias, o profeta" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 4).

"Quando o editor organizou o conteúdo de Malaquias para publicação, acrescentou uma declaração que encerrava o Livro dos Doze, sumariando os ensinamentos principais. Cf. esta anotação editorial com Eclesiastes 12.13-14, onde há semelhante diretriz. Se a conclusão tivesse sido escrita por Malaquias, obviamente teria servido para terminar só o livro dele. Ele não tinha a coleção inteira para concluí-la com uma declaração final.

4.4

Lembrai-vos de Moisés, meu servo. A lei foi a essência da fé dos hebreus, sendo o *guia* da vida espiritual (Deu. 6.4 ss.); a *fonte da vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11); e o que tornou Israel uma *nação distinta* (Deu. 4.4-8). Mas não obedecida, tornou-se maldição e julgamento conseqüente (Deu. 27.15 ss.). Até os Provérbios, com todas as suas anotações adicionais na forma de ditados poéticos e filosóficos, basearam-se na lei de Moisés. Foi assim que o profeta encorajou o povo a lembrar a lei que Moisés havia trazido do Sinai (Horebe). Moisés era o alicerce da fé judaica, o instrumento para aquela dispensação antiga. A lei foi entregue no Monte *Horebe* (ver no *Dicionário*), que significa *Sinai* (ver também no *Dicionário*). Ver as notas em Deu. 5.1-3. Ver o artigo *Dez Mandamentos*, base de toda a conduta moral, elaborados com muitas outras leis e ordenanças, todos projetando o mesmo tipo de espiritualidade que domina o Antigo Testamento. O profeta não antecipou a grande mudança da forma de espiritualidade que o Messias traria. O livro do Novo Testamento, Hebreus, descreve em detalhes a profundidade dessa mudança. Houve um *Novo Pacto* antecipado (Jer. 31.32), mas isso não se refere ao Novo Testamento da igreja cristã.

4.5

Eis que vos enviarei o profeta Elias. *A Identidade do Mensageiro.* Este versículo nos remete a Mal. 3.1, tentando identificar o *mensageiro* daquele trecho. Na exposição sobre aquele versículos, são apresentadas *cinco* interpretações. O autor de Mal. 4.5 ss. diz que Elias foi o *precursor* do dia escatológico, do Grande dia de julgamento. As palavras certamente vão além de qualquer instrumento humano, apontando para o *Empregador* do instrumento, e não meramente para o instrumento usado. Elias foi a escolha do editor da conclusão do livro provavelmente porque a tradição falava que ele não havia morrido, mas fora arrebatado para os céus. Assim, ficou estabelecido para uma possível volta, a fim de cumprir outra missão no final dos tempos. Jesus interpretou esta tradição referindo-se a João Batista como Seu precursor (Mat. 11.7-10). Talvez esteja em vista uma reencarnação da mesma entidade, ou João Batista continuaria a missão de Elias, em espírito, sem ser a reencarnação dele. As tradições judaicas comumente imputaram aos grandes profetas outras missões, que necessitaram de reencarnações; por exemplo, Moisés voltou como Jeremias, mas isso faz parte do judaísmo posterior. Elias ganhou, na literatura apocalíptica posterior, posição especial. Ver Ecl. 48.10; Mar. 6.15; 9.4,11. Na literatura rabínica (Misna, Baba Metzia 1.8; 2.8; 3.4-5 e *Eduyouth* 8.7), o ministério cósmico de Elias adquiriu novos aspectos, incluindo o anúncio e a preparação do julgamento, a facilitação da restauração de Israel, a união de pais e filhos curando todos os conflitos familiares, e a união do judaísmo para receber sua exaltação no dia escatológico. O dia terrível do Senhor deve ser planejado e executado com precisão, e Elias teria uma atividade especial para facilitar essa realização.

Embora o presente trecho seja o único do Antigo Testamento que fale sobre a *repetição* de missões de um profeta, o conceito ficou comum no judaísmo posterior. A Cabala aceitou e promoveu a reencarnação como verdade divina, que por longo tempo fora escondida do povo, mas finalmente acabou revelada. Foi assim que essa doutrina se tornou parte do conceito "dos profetas voltando" para servir de novo. O desenvolvimento do conceito é realmente antigo, como mostra Mat. 16.13-14: "Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas". A *opinião popular* identificou Jesus com um dos profetas antigos. Os rabinos posteriores, aceitando a idéia da reencarnação, anteciparam a volta de antigos profetas. Ver a exposição em Mat. 16.14, no *Novo Testamento Interpretado*, que entra em detalhes. Um problema interpretativo neste trecho é o de que João Batista assistiu ao Primeiro Advento de Cristo, tendo sido Elias predestinado para assistir ao seu Segundo Advento no dia escatológico. Mas devemos lembrar que o Segundo Advento foi distinguido do Primeiro somente no Novo Testamento.

Note-se bem que Moisés e Elias são unidos nesta seção final do Antigo Testamento, como o foram também na transfiguração de Jesus, em Mat. 17. Alguns intérpretes então os vêem unidos, de novo, como as duas testemunhas de Apo. 11. Combinando-se as diversas uniões, temos a Lei e os Profetas representados como glorificando Jesus, o Cristo, o Salvador do mundo.

4.6

Ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais. Parte do trabalho do *mensageiro* será o de trazer paz e harmonia a Israel. Haverá amor mútuo nas famílias e entre os irmãos e irmãs do povo. O *coração* dos pais estará gentilmente à disposição de seus filhos, que os amarão. Velhos conflitos e ódios serão abolidos, na atmosfera de respeito mútuo. O amor de Deus vencerá a batalha, afinal. A velha idolatria-adultério-apostasia de Israel será aniquilada pela vitória do culto a Yahweh, que proporcionará salvação para todos.

> *E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, ele apartará de Jacó as impiedades.*
>
> (Romanos 11.26)

Para que eu não venha e fira a terra com maldição. Contrariamente, os homens (judeus ou gentios) que não obedecem a Yahweh, promovendo seus próprios interesses, e quebram a unidade da comunidade, sofrerão a maldição de Yahweh, que não permitirá que nada "azede" a realização da restauração. A terra de Israel ou a dos gentios compartilhará a maldição caso se oponham ao propósito de Deus no *Reino do Messias*.

Assim, com esta palavra terrível, *maldição*, o Antigo Testamento termina. De um ponto de vista, este final é infeliz, porque *mancha* a última página do *Antigo Testamento*, que é uma grande coleção de escritos espirituais. O profeta podia ter acabado seu livro de uma maneira mais elegante. De outro ponto de vista, o termino é apropriado, porque, em última análise, a Lei trouxe uma maldição para a humanidade, fazendo uma exigência que os homens não poderiam efetuar.

> *Maldito todo aquele que não permanece em todas as cousas escritas no livro da lei, para praticá-las. E é evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.*
>
> (Gálatas 3.10-11)

O Novo Pacto em Jesus, o *Novo Testamento*, tirou a maldição das costas da humanidade.

Os rabinos, sensíveis ao modo inconveniente como terminou o "Livro dos Doze", ordenaram que, em todas as leituras públicas do fim de Malaquias, o vs. 5 fosse repetido, depois da leitura do vs. 6. Portanto, na liturgia, o vs. 5 termina a profecia de Malaquias e o Livro dos Doze.

É fato notável que o último *trecho* do Novo Testamento também contém uma maldição (Apo. 22.18-19). Isto é remido com o *finis:*

> A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós.
> Amém.

Agradeço a Bill Barkley quem, durante todos os anos da minha produção literária, me encorajou, dando razões espirituais para não desisitir.

Adam Clarke fornece esta notícia, *in loc.*, terminando seu comentário sobre a Bíblia inteira, obra que consumiu mais de 30 anos de sua vida. Ele finalizou sua labuta no dia 28 de março de 1825 D. C.: "Nunca esperava viver tanto para ver minha obra totalmente realizada. Seja meu trabalho um meio para glorificar a Deus, o Altíssimo, e um instrumento para a paz e a boa vontade entre os homens nesta terra! Amém, Amém!".

"Hoje, dia 3 de dezembro de 1997, terminei o comentário sobre o *Antigo Testamento*, que finaliza minha labuta árdua de muitos anos, produzindo um comentário, versículo por versículo, de toda a Bíblia portuguesa. O *Novo Testa-*

mento Interpretado foi publicado em 1979; a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, em 1989. Espera-se que o *Antigo Testamento Interpretado* seja publicado em 1999. Levei 30 anos para completar esta obra gigantesca de aproximadamente 60.000 páginas. Vi a terra boa de Dã a Berseba por *três vezes!*

Oh, à graça de Deus quão devedor eu sou,
E diariamente sou constrangido a ser;
Que a tua bondade, como uma algema,
Prenda a Ti o meu coração vagabundo.

(Robert Robinson)

Agradeço pelas forças físicas, mentais e espirituais que me foram divinamente proporcionadas para realizar estes três projetos.

Vinde, vinde ó santos,
Nem trabalho nem labuta temam,
Mas com alegria percorrei vosso caminho.
Embora dura para vós pareça esta viagem,
Não é assim. Tudo está bem.

Agradeço a Bill Barkley quem, durante todos os anos da minha produção literária, me encorajou, dando razões espirituais para não desistir.

Nesta viagem de 30 anos, tive a colaboração e os esforços infatigáveis do meu tradutor, João Marques Bentes. Que a recompensa de Deus o acompanhe em seu caminho.

Se alguém chegar, batendo na minha porta, deixá-lo-ei saber que:

Eu estou indo pelo caminho superior;
Aquele caminho que segura o sol.
Estou subindo através das esferas estreladas,
Onde os rios celestiais correm.
Se você pensar em me procurar
Na minha habitação escura de ontem,
Achará este escrito que deixei na porta:
"Ele está viajando no caminho superior".

Russell Norman Champlin, 3 de dezembro de 1997, Guaratinguetá, São Paulo, Brasil.

ISBN 85-88234-15-7